

DanteCultural



Ano VII - Número 19 - Novembro de 2011

ISSN 1980-637X

Bravos trabalhadores

Bauducco, Lupo, Ceratti, Lorenzetti: esses nomes tão conhecidos no Brasil são de imigrantes italianos que chegaram por aqui para melhorar de vida e acabaram se tornando parte importante de nossa economia

Entrevista:

O ator Eriberto Leão relembra seus tempos de Dante – onde já fazia aulas de teatro

Perfil:

A vida da escritora Marina Colasanti entre a Eritreia, a Itália e o Brasil rendeu um livro de memórias

Abruzzo:

A variedade da boa mesa e a opulência da natureza protegida dessa região italiana



Período da manhã: das 08:00 às 9:30 horas

Período da tarde: das 14:30 às 16:00 horas

Período da noite: das 19:00 às 20:30 horas

Dias: 2ª e 4ª-feira, ou 3ª e 5ª-feira

Curso regular completo: 6 estágios (2 por ano)

2 Básicos • 2 Intermediários • 2 Avançados



CURSO DE LÍNGUA ITALIANA

1º Quadrimestre: de março a junho

2º Quadrimestre: de agosto a novembro

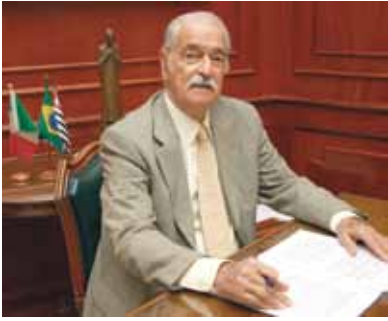
Valor do quadrimestre: em 4 parcelas mensais

Isenção de matrícula

Máximo de alunos por sala: 12

Qualificação: Certificado de Conclusão





Comemorando...

Cumpra à revista Dante Cultural, na derradeira edição do ano do centenário, por intermédio do presidente do Colégio Dante Alighieri, registrar os entendimentos que tanto esta instituição quanto sua Associação de Ex-alunos cultivam par a par, a fim de manterem imaculada a imagem de uma e outra. Não foram poucos os momentos em que, unidas, superaram dificuldades institucionais.

Apresento aos leitores minha colaboração em forma de poema, retratando sucintamente um pouco da história do Colégio, que, por alimentar nossos corações, torna-se ainda maior em nossos pensamentos.

Cem anos que não findam!

Cem anos que deixam sua marca!
Cem anos que, corajosos, nasciam
Já anteriormente arquitetados
Pela determinação de imigrantes
Que na bagagem portavam tradições.

Histórias de embates furiosos.
Histórias de conquistas mil.
Formadoras de consciências
Que se impunham nas comunidades
Desejosas de construtivas estruturas!

Lançam-se ao mar, ao deus-dará...
Famílias nas intempéries assistem
A cenas dantescas: mares e oceanos
Tristes recebem para a eternidade
Velhos, moços, crianças...

Acima de todos os sofrimentos
A coragem, que nutriam, imperava!
Convulsões sociais previram...
Quatorze-Dezoito violentamente eclodiria...
Sem dúvida, mais vidas ceifaria!

Como continuar a ter dentro de si
As riquezas imateriais inerentes ao ser?
Além da língua pátria, casando-se com o sonho
Do trabalho a inchar-lhes as mãos,
Tudo alimentado pelo desejo de vencer!

O Instituto Médio Italo-Brasiliense festeja
O poeta dos poetas, Dante Alighieri, o Divino,
Que nos três momentos da infinita vida
Navega no sofrimento e ingressa no Paraíso
De braço com o severo e cuidadoso Virgílio.
Cresce e se agiganta o ícone italiano
Em São Paulo: gerações formam-se alimentadas
Por valores ético-morais que dão origem
A pais de família, profissionais, diplomatas,
Cientistas, políticos, filósofos de escol!

Nem tudo um buquê de flores...
Planos e negócios desairosos
Valentemente são enfrentados
E por fiéis ex-alunos repudiados.
Se houvessem vingado, maculariam o centenário!

AEDA: gratidão do Colégio Dante!
Defender o torrão onde germinaste em 1930,
Onde fundiste tuas resistentes raízes,
É dever para todo o sempre,
Como companheira que és, estares ao lado
atenta, para infinitos outros cem anos...

**Por José de Oliveira Messina
Presidente no Centenário do Colégio
Ex-aluno 1934/1946**

Carta ao Leitor

Cara leitora, prezado leitor:

Riquíssima é a história dos italianos que, pelos mais variados motivos, ao longo dos tempos, vieram para o Brasil. Valiosa, também, é a participação deles, como já vimos em edições anteriores, no desenvolvimento dos mais diversos campos de atuação, tais como o ensino, as artes plásticas, as ciências, a gastronomia, a arquitetura, a literatura e tantos outros. Nossa matéria de capa narra mais uma dessas importantes contribuições: o desenvolvimento fabril. Assim como tiveram força e perseverança para fundar e manter este centenário Colégio, os italianos também souberam aproveitar as oportunidades que apareceram para criar indústrias como Lupo, Bauducco, Ceratti, Lorenzetti, Papaiz, Arno e Caloi, além de grandes e já extintos impérios, como os das famílias Crespi e Matarazzo.

Esta edição traz também uma matéria sobre o Momento Itália-Brasil, uma série de mais de 500 eventos que se iniciaram em novembro deste ano e deverão prosseguir, em 11 cidades brasileiras, até junho de 2012, para comemorar os 150 anos da unificação italiana. A *DanteCultural* traz também o perfil de Marina Colasanti, escritora italiana nascida na Eritreia, África, e que vive no Brasil desde os 11 anos de idade. Outra importante artista presente nesta edição é a arquiteta Lina Bo Bardi, por meio de algumas de suas obras, retratadas pela fotógrafa Lia Coldibelli.

As seções de **Gastronomia** e **Turismo** nos brindam com a região de Abruzzo. Depois de uma viagem na companhia de Edoardo Coen, passando pelas montanhas da região de Áquila e seguindo para o mar de Pescara, poderemos nos deliciar com alguns pratos dessa culinária variada e saborosa, todos sugeridos pela chef Silvia Precussi, como o *polpette di caccio e uova* e o *pan ducale*.

Nesta última edição do ano do centenário, não poderíamos perder a oportunidade de prestar mais algumas homenagens ao Colégio e às pessoas que por ele passaram. Elas começam com a mensagem do presidente José de Oliveira Messina e continuam com a interessante história de Leila Parente, viúva do ex-presidente Francisco Parente, que dirigiu os destinos dantianos de 1954 a 1985. A revista traz também o perfil de outra mulher de fibra, a ex-aluna Marta Vannucci, que, no dia em que completou 90 anos, visitou sua antiga escola e deu um depoimento ao professor Alessandro Dell’Aira, também autor da terceira parte da saga que conta a vida do conde Rodolfo Crespi, uma das mais importantes pessoas envolvidas na fundação do então *Istituto Medio Italo-Brasiliانو Dante Alighieri*.

Chegando ao fim do ano, aproveito para desejar Boas Festas, um excelente 2012 e um ótimo ano 101 para toda a comunidade dantiana.

Fernando Homem de Montes
Publisher



A revista *DanteCultural* (ISSN 1980-637X)
é uma publicação do Colégio Dante Alighieri

José de Oliveira Messina
Presidente

José Luiz Farina
Vice-presidente

Salvador Pastore Neto
Diretor-Secretário

Adriana Fontana
2ª Diretora-Secretária

João Ranieri Neto
Diretor Financeiro

Milena Montini
2ª Diretora Financeira

José Piovacari
Diretor Adjunto

Francisco Parente Júnior
Diretor Adjunto

Sérgio Famá D’Antino
Diretor Adjunto

José Perotti
Diretor Adjunto

Lauro Spaggiari
Diretor Geral Pedagógico

Capa: Arquivo Bauducco /C1: Edu Rezende/
C2: Arquivo Bauducco/C3: Alessandra Colasanti /
C4: Lia Coldibelli e Tadeu Carraca/C5: Tadeu Brunelli

Índice

Notas	6
Entrevista	8
Conto	14
Capa	16
Rodolfo Crespi	24
Nossa História	28
Literatura	34
Música	36
Cinema	38
Momento Itália–Brasil	42
Perfil	46
Espaço aberto	50
Ensaio fotográfico	52
Gastronomia	58
Jovem chef	61
Turismo	62
Papo aberto	68
Memória	70



C1



C2



C3



C4



C5

Expediente

Fernando Homem de Montes/Publisher - **Marcella Chartier**/Editora (jornalista responsável - MTb: 50.858)

Revisão: Luiz Eduardo Vicentin/Projeto Gráfico: Nelson Doy Jr./Diagramação e arte: Simone Alves Machado

Ilustrações: Milton Costa e Salvador Messina/Comercial: Vinicius Hijano

Colaboradores: Alessandro Dell’Aira, Barbara Ramazzini, Edoardo Coen, Karina Sérgio Gomes,

Isabella D’Ercole, Itamar Cardin, Ivan Martínez, Laura Folgueira, Lia Coldibelli, Luisa Destri,

Nathalia Garcia, Silvana Leporace, Sílvia Percussi, Tadeu Brunelli, Tadeu Carraca

Mande suas sugestões e críticas para dantecultural@cda.colegiodante.com.br

Tiragem: 9.000 exemplares - Colégio Dante Alighieri - Alameda Jaú, 1061. São Paulo-SP - Fone: (11) 3179-4400

www.colegiodante.com.br

Club Paulistano homenageia o Colégio com livro sobre obra de Dante Alighieri

Por Ivan Martínez

O Departamento Cultural do Club Athletico Paulistano homenageou a Itália e o Colégio com seu terceiro caderno de literatura. Intitulado “Agora Como Dantes”, o livro recém-lançado reúne poesias de sócios do clube sobre a obra do poeta italiano Dante Alighieri. O livro foi idealizado pelos diretores culturais do Paulistano, Eduardo Pereira Telles e Giselda Penteado di Gugliermo, em comemoração do Momento Itália-Brasil.

A obra é o resultado das oficinas literárias realizadas pelo Club para os interessados em aprender técnicas de redação. Durante essas reuniões, nasceu o projeto dos cadernos literários, nos quais os sócios redigem textos em prosa e em poesia homenageando grandes autores que os influenciaram. O primeiro livro, publicado em 2009, reuniu textos exaltando a obra de Clarice Lispector. No ano seguinte, foi a vez de uma coletânea sobre *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. E neste ano, os sócios se esmeraram na homenagem ao maior poeta da língua italiana, com referência, especialmente, à *Divina Comédia*. Como o caderno – cuja tiragem é direcionada aos sócios do Paulistano – foi pensado também como um tributo ao centenário do Colégio, o presidente do Dante, dr. José de Oliveira Messina, escreveu o prefácio da obra. Para ele, também sócio do Paulistano, a iniciativa de um dos mais tradicionais e importantes clubes

da metrópole mostra a “relevância e o destaque que o Colégio alcança.” Ao falar da Escola, a diretora do Departamento Cultural do clube não esconde sua admiração. “É uma instituição que promove a cultura desde a sua fundação. Tenho um neto ex-aluno e outro que é aluno”, conta Giselda, que é também advogada aposentada. Como autora, já publicou dois livros de poesia e escreveu três textos da atual edição do caderno de literatura.

Ela ressalta que o caderno também é um estímulo à cultura, principalmente pelo modo como foi escrito. Ali, estão reunidas visões de profissionais das mais diferentes áreas do conhecimento sobre a literatura de Dante. “Publicamos textos de advogados, empresários, professores, jornalistas”, explica. E para organizar a variedade de visões diferenciadas sobre o mesmo poeta, a diretoria contou com os trabalhos de Helô Bello Barros, responsável pela organização dos textos.

Próximo passo – Animados com o resultado de seu trabalho no “Agora como Dantes”, os sócios do clube se preparam para a redação do próximo caderno de literatura, uma homenagem a Miguel de Cervantes, autor da obra-prima da literatura espanhola *Dom Quixote*. O lançamento será em 2012.

Danilo Barreto



Exposição de painéis de Portinari em São Paulo

O Memorial da América Latina receberá, no dia 6 de fevereiro de 2012, a exposição “Guerra e Paz”, do pintor Candido Portinari. Além dos dois painéis (*Guerra e Paz*), estarão reunidos cerca de cem estudos originais preparatórios de Portinari, em *première* mundial, já que nem o próprio pintor teve a oportunidade de vê-los em seu conjunto. Documentos históricos que contam em detalhes toda a trajetória de criação dessa obra monumental completam o acervo.

Os dois painéis estão entre as obras mais importantes da carreira do artista e foram encomendados pelo governo brasileiro para a sede da ONU. Eles são compostos por 28 placas de madeira compensada naval, com 2,2 metros de altura por 5 metros de largura. Na Assembleia Geral das Nações Unidas, ficam em um hall reservado, restrito aos

delegados das Nações. Entretanto, por conta de uma reforma iniciada no ano passado no edifício, o retorno dos painéis ao Brasil para a realização da exposição foi possível.



Cristina Granato

No ano passado, a vinda de *Guerra e Paz* foi celebrada com uma exibição no Theatro Municipal carioca, que recebeu mais de 44 mil pessoas em apenas 12 dias. Em seguida, começou um trabalho minucioso de restauro das obras, que, com duração de quatro meses, foi feito também de forma aberta ao público, em um ateliê no Palácio Gustavo Capanema.

A futura exposição, que homenageia o cinquentenário da morte de Portinari, ficará aberta ao público até dia 21 de abril de 2012. Depois, os painéis farão escala em outras cidades do mundo, como Hiroshima e Oslo (por ocasião da entrega do Prêmio Nobel da Paz em dezembro de 2012).

Cartas



“Li com atenção todo o conteúdo da última Dante Cultural. Revivi, além de tudo, minha estada na histórica Itália, inclusive com visitas a Roma e Florença. Sobre o histórico de Dante Alighieri, muito aprendi e revivi. Tinha a chamada ‘santa inveja’ quando, nos idos tempos de 1948/50, frequentei o extinto colégio Carlos Gomes, então sediado na avenida Paulista. Observava o Dante Alighieri e pensava: como gostaria de estudar ali...”

Jefferson Pires de Azevedo Figueira

“Na edição comemorativa do centenário do Colégio, observamos, com grande satisfação, o cuidado e a competência dos organizadores e dos redatores na elaboração ampla da revista. O que, de imediato, destacamos, foram os relatos

referentes à memória do momento de apogeu da cultura italiana, ou seja, da cultura universal: Dante Alighieri. A descrição panorâmica de ruas, praças, igrejas, pontes, rios, tudo bem posto para lembrar momentos importantes da vida do imortal poeta, cuja glória permanece no nome dado ao Colégio, que honrosamente comemora o centenário de fundação.

Reverenciar valores dessa natureza engrandece o ser humano. Faz bem conciliando o passado com o moderno e olhos postos no futuro. Parabéns à Diretoria na pessoa do seu presidente, José de Oliveira Messina. Bem celebrado o momento cultural.”

Luiz Gomes

Errata:

Na página 42 da edição 18 da Dante Cultural, erramos a legenda da primeira foto. Roberto Betti está à esquerda, e Ricardo Betti, à direita.



1001 facetas

Eriberto Leão não quer ser só galã. O ator é intelectual, interessado em política e quer fazer a diferença na sociedade. Pai, marido e figurinha carimbada na TV, o ex-aluno credita ao Dante a disciplina na carreira

Por Isabella D'Ercole

Ele já foi Pedro, Zeca, Tomé. Esses são apenas alguns dos personagens interpretados por Eriberto Leão em quase 20 anos de carreira. Nascido em São José dos Campos, no dia 11 de junho de 1972, ele nem imaginava, até os 18 anos, que seria ator. “Aos 14 anos, fui expulso do grupo de Teatro do Colégio porque eu era rebelde demais, não queria obedecer à direção”, conta. A paixão pelos palcos despertou mesmo quando o pai, Eriberto Monteiro, começou a trabalhar com produção teatral. Ele e a mulher, Telma, sempre apoiaram o filho em suas decisões. Quando se mudaram para São Paulo, na infância de Eriberto, optaram por matriculá-lo no Colégio Dante Alighieri. “Era uma escola tradicional, considerada uma das melhores da cidade”, explica Eriberto, que estudou no Dante do Jardim à 3ª série do Ensino Médio. O menino sempre se destacou na área de Humanas, em matérias como Geografia e História, sua preferida. Foi no Dante também, em festivais promovidos pela Escola, que ele investiu em um talento que cultiva até hoje: tocar instrumentos. A prática o ajudou anos depois, em peças como a ópera-rock *Alma de todo os tempos*, dirigida por Gabriel Villela. No mesmo ano, em 1999, Eriberto virou líder e guitarrista da banda de rock “Estranhos”.

Quando deixou o Dante, aos 17 anos, o menino ainda tinha algumas dúvidas sobre seu futuro profissional. Matriculou-se no curso de Administração na FAAP, Fundação Armando Álvares Penteado, e também na EAD, Escola de Artes Dramáticas da USP. “Acho que ninguém está preparado para esse tipo de decisão tão cedo, então, segui com as duas que mais me agradavam. É sempre bom ter um plano B”, explica. Quando acabou as graduações, mudou-se para Nova York para estudar atuação. No Lee Strasberg Institute, o mesmo lugar onde estudaram Robert DeNiro e Alec Baldwin, teve aulas de cinema, teatro e TV. Aprendeu técnicas, aprofundou-se nos autores e em suas teorias teatrais. Eriberto descreve Nova York, seu lar por dois anos, como uma cidade revigorante.

Voltou ao Brasil certo do que queria e obstinado a conseguir. Fez um teste para a novela *Antônio dos Milagres*, da rede CNT, e conseguiu o papel principal, Santo Antônio. Daí em diante, a carreira deslanchou. Foi convidado para fazer o espetáculo *Ventania*, seu primeiro com direção de Gabriel Villela. O autor, Alcides Nogueira, gostou do trabalho do rapaz e convidou-o para trabalhar em *O amor está no ar*, novela das 6 da Rede Globo, canal em que se consagraria. No teatro, interpretou Jesus Cristo três vezes. Nesse papel, sua mais famosa interpretação foi em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, com texto de José Saramago e Maria Adelaide Amaral e direção de José Possi Neto.

Mas a verdadeira explosão foi em 2004, no papel de Tomé, em *Cabocla*, novela da TV Globo, quando caiu nas graças das fãs e virou galã. Depois, fez *Sinhá Moça*, *Paraíso* e a mais recente, *Insensato Coração*.

2011 tem sido um ano cheio para Eriberto. Em 5 de fevereiro, nasceu seu primeiro filho, João, com a mulher Andréa Leal, de 32 anos. Dois meses depois, sofreu com a perda do pai, sua grande inspiração. Na carreira, além de viver o piloto e galã Pedro Brandão, conquistou 2 milhões de espectadores interpretando Mineiro, no longa-metragem *Assalto ao Banco Central*. A seguir, você fica sabendo dos planos de Eriberto para 2012 (que incluem mais duas peças, uma novela e dois filmes) e conhece mais um pouco da relação do ator com o Colégio Dante Alighieri.



Que lembranças você tem da época do Dante?

Não faltam lembranças! Guardo uma em especial, o dia que toquei “Twist and Shout”, dos Beatles, no Fenda, festival de música da Escola na época. Também me divertia nas Feiras de Ciências e na Feira de Profissionais, quando conversávamos com pessoas de diversas áreas sobre suas carreiras. Foi uma vida lá dentro. Fiz amigos que mantenho até hoje! Aprontamos muito e fomos pegos várias vezes pelo seu Lino, chefe dos vigilantes.

Quais eram as suas matérias preferidas? Você era um bom aluno?

Sou um cara da área de Humanas, gostava de História e Geografia e só tinha interesse em estudar essas matérias. No resto, era média 7 sempre.

Algum professor foi especialmente importante?

A dona Cinira, secretária [do assistente] da Diretoria Pedagógica, foi bem marcante na minha vida escolar. A partir da 5ª série, minha sala era formada só por meninos. Foi assim até o 1º colegial. Muito homem junto sempre dá confusão, não é? Tínhamos fama de bagunceiros. Lembro também da Ana Maria, que foi minha professora de História por muitos anos, e do Renan de Abreu, professor de Geografia.

Como o Dante influenciou sua escolha pela carreira de ator?

O Dante me ensinou a ter disciplina para estudar o texto, para ensaiar. Outra coisa importante que fica dos tempos de aluno é o conhecimento, a cultura que adquirir, que hoje são essenciais para contextualizar e compor um personagem. Ninguém pode fazer nada sem um sólido fundo cultural.

Por que escolheu ser ator?

Poder viver muitas vidas me atrai. É um ofício apaixonante. Comecei minha relação com a carreira aos 17 anos, quando meu pai passou a produzir peças. Pude me aproximar desse mundo e fui conquistado.

Você teve um começo grandioso. Encarou a direção de Gabriel Villela em *Ventania* e *Alma de Todos os Tempos*, e depois de José Possi Neto em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Quais os aprendizados que ficam dessas experiências?

Eles são grandes mestres, me ensinaram tudo que eu sei. Gabriel Villela me deu meu primeiro grande personagem no teatro, o Valente. Confiou em mim, teve tempo e paciência para me instruir. Até hoje, ele é meu mentor.

O que você gosta mais de fazer: teatro, TV ou cinema?

Tudo tem o seu momento. Passei o último ano



Eriberto passou toda a sua vida escolar no Dante. Vindo de São José dos Campos, interior de São Paulo, ele entrou no Colégio no Jardim. As fotos de arquivo são do Pré-primário, hoje 1º ano do Ensino Fundamental

fazendo TV, mas agora vou me dedicar ao teatro. Começo a ensaiar em novembro *A mecânica das borboletas* (sob direção de Paulo de Moraes), que fica em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro. Depois, faço Jim Morrison em uma peça dirigida por Mauro Mendonça Filho, com o título *O Rei Lagarto*. Sempre quis interpretar o cantor. No começo de 2012, estreia *Um homem qualquer*, um longa-metragem de Caio Vecchio filmado em 2009, que eu protagonizo. E, por fim, volto à TV depois do segundo semestre.

Como é o processo de composição de personagem?

Elaborar personagem requer muito estudo. Viajo para locais relacionados, que tenham a ver com a história. Tento aprender sobre a profissão, entender o meio onde ele está inserido. Para o Pedro, de *Insensato Coração*, fiz curso de pilotagem. Não tirei o brevê, mas, se precisar, consigo me virar no controle da aeronave. Para o Zeca, o peão de *Paraíso*, aprendi a andar a cavalo, montar touro. O processo é muito importante, traz a verdade do personagem.

De qual dos seus personagens você se lembra com mais carinho e qual ainda não teve chance de fazer, mas tem vontade?

Gosto de Zeca, temos muita coisa em comum, rolou uma identificação maior do que com outros personagens. Foi com ele também que ganhei prêmios, como o de Melhor Ator nos "Melhores do Ano", da TV Globo. Um personagem que eu gos-

taria de interpretar é Percy Fawcett, o arqueólogo que inspirou Spielberg quando criou Indiana Jones.

Fora do horário de trabalho, você adotou algum hobby para se distrair?

Leio muito. Sempre fui fascinado por livros. Tenho uma biblioteca imensa. Um dos meus livros preferidos é *Assim falava Zaratustra*, de Nietzsche. Também gosto de cinema, é inspirador. Nunca perco a chance de assistir a *Matrix* e *Na natureza selvagem*.

Que conselho daria para quem está pensando em seguir a carreira de ator ou atriz?

É uma profissão que exige muito amor e paixão. É bom lembrar também que tem diferença entre querer ser ator e trabalhar na TV. Estar na TV é uma consequência da carreira, não um objetivo. É uma profissão difícil, que exige dedicação e paciência, e o reconhecimento nem sempre é imediato, mas você precisa acreditar no seu sonho porque ele é possível.

Com o documentário *Aos brasileiros*, você passou para o outro lado das câmeras. Como é assumir a direção?

É um projeto meu e do Malvino Salvador sobre territórios indígenas que são ameaçados. Queremos debater questões que são ignoradas pela maior parte da população e dos governantes, como o direito à terra, a posse de recursos naturais, a política envolvida no processo. As pessoas precisam saber o que está acontecendo no seu próprio país. É um



ARQUIVO PESSOAL ERIBERTO LEÃO

documentário independente, para que tenhamos liberdade na produção.

Agora que você mudou de ângulo, percebe alguma dificuldade para o patrocínio da arte no Brasil?

Temos muitos mecanismos que ajudam hoje em dia. Já aconteceu uma revolução quando surgiram as leis de incentivo. Não é tão simples, mas agora temos que pensar em melhorar. O ideal é que aconteçam mais discussões entre a classe artística e o Ministério da Cultura.

O que mudou na sua vida depois do reconhecimento na TV?

O reconhecimento faz parte, acontece com todos os atores que trabalham na TV. É um veículo que chega à casa de todo mundo. É normal ser abordado na rua, adoro quando os fãs pedem foto, autógrafa. Lido da melhor maneira possível. Mas sei que eu estipulo o limite. Não tenho muitas fotos ou matérias publicadas porque, por temperamento, sou uma pessoa discreta e busco tranquilidade para mim e para minha família.

Eriberto e os colegas em uma aula de Educação Física, quando as salas ainda eram mistas. A partir da 5ª série (hoje 6º ano do Ensino Fundamental), meninos e meninas ficavam em classes separadas



ARQUIVO PESSOAL ERIBERTO LEÃO

Hoje ator de sucesso na TV, no cinema e no teatro, Eriberto não era dos alunos mais aplicados na Escola. "Aprontamos muito e fomos pegos várias vezes pelo seu Lino, chefe dos vigilantes", conta

18 Anos de Tradição


Um Clássico Italiano Paulistano

PAZIO



Rua Horácio Lafer 533, Itaim Bibi
Delivery: 3078 0028 tel: 3078-5775

 facebook.com/spaziogastronomico

 twitter.com/spaziogastro

A menina que sonhava com bonecas

por José de Oliveira Messina
Presidente no Centenário do Colégio

Ilustração: Salvador

Para as meninas, na pura infância, sonhar com bonecas é o encanto mais agradável a povoar a imaginação, capricho que se agiganta quando, ao deitar a cabecinha no fofo (ou mesmo desconfortável) travesseiro, ingressa no mundo da realidade cor-de-rosa. Tudo se passou, porém, numa realidade cinza de tom escuro.

Família pobre, pai lavrador, mãe lavadeira. Amor à primeira vista numa colônia de fazenda, perdida no agreste nordestino.

Ela, ajoelhada à beira de um riacho de águas límpidas, esfregava com cuidado os linhos e as peças íntimas dos patrões. Ele, que diariamente por ali passava, empunhando instrumentos agrícolas, a ela lançava olhares melífluos, que, pouco a pouco, diante de presumida receptividade, o animavam a se aproximar.

Tal presunção tornou-se permissão para o casamento. Os noivos, por pequeno grupo de convidados, foram conduzidos ao altar da igreja da localidade, que, no mês junino, presentes ali o padre e o coroinha, foi o palco de humilde, mas pura cerimônia cristã.

Fogueira, pau de sebo, três bandeiras dos santos festejados no mês: Antonio, João e Pedro. Os três santos – encimado o arraial com rojões, busca-pés, traques e balões, em meio ao calor dos quentões, dos curais de canjica e das batatas-doces cozidas nas cinzas – eram objeto de fervorosas preces. O pular as brasas, ou o caminhar sobre elas, sem se queimar, para as casamenteiras, era sinal de próximo casório.

O casal, irradiando alegria, passado o primeiro aniversário do casamento, logo em seguida colhe o primeiro fruto do amor. A década era a de 30, que preservava os valores românticos como regra, sendo raríssimas as notícias que contrariavam o respeitoso namoro e o abençoado casamento.

Nasce Carolina nas mãos de uma curiosa, que, afeita ao nobre mister, apresenta-a aos pais. As lágrimas escorrem e uma tremedeira os deixa estáticos, custando a crer que haviam colocado no mundo uma criatura que se movimentava, que

chorava... Ambos, emudecidos, viviam ali instantes inesquecíveis, que revelavam os mistérios da vida.

Carolina, finalmente aconchegada aos braços da mãe, com os olhos abertos, direcionava-os ao pai feliz, que certamente pensava reconhecê-los.

Não tardaram as visitas, principalmente as candidatas a comadre, parentesco que à época coroava as amizades. Nos primeiros tempos, o revezamento das amigas era contínuo. Prestavam-lhe os necessários cuidados, preocupadas também com o caldo de galinha gorda, que refaria todas as energias perdidas.

O tempo ia assinalando, dia após dia, os primeiros aniversários, cuja comemoração não passava de feliz lembrança. A rotina não se alterava...

Carolina inicia por unir o balbucio, formando as primeiras palavras: ma, ma..., pa, pa..., mama, papa.

Menina esperta, nos dois primeiros anos de vida percebe que suas amiguinhas portam, nos braços, sempre um objeto que logo identifica como sendo a primeira companheira da infância, a boneca. Foi assim que iniciou por pedir, tanto à mãe quanto ao pai, uma boneca. Desejava uma boneca, como que a confirmar a tendência das meninas pela maternidade.

A pobreza a cobrir a família não permitia à cegonha trazer a irmã de Carolina. Invariavelmente, sonhava ela com bonequinhas de todos os tamanhos que lhe eram colocadas nos bracinhos. Eram tantas, que não conseguiam ser em seus braços acolhidas, sujeitas até a cair ao chão. Aflita, acordava sobressaltada, chorando abertamente.

Os pais, preocupados, receando que a saúde da filha fosse atingida por seu desejo, num domingo festivo lá na cidade, sozinhos, para lá se dirigiram. Na concorrida feira pública, localizada na praça da Matriz, depararam com uma barraquinha que exibia bonecas de todos os tipos: a maioria de celuloide colorida. Viam-se outras de pano, flanela, com recheio de palha: loiras, morenas, olhos claros, escuros, cílios e sobrancelhas não destoando da

cor dos cabelos. A mãe, a tocar em quase todas, fiel à curiosidade feminina, surpreende-se quando depara com um único modelo, separado, colocado no assento de uma cadeira ao lado da dona da banca. Chamaram-lhe a atenção as tranças que tinha, com duas fitinhas vermelhas nas pontas. Sem perda de tempo, perguntou o preço. Ao ouvi-lo, percebeu que não podia adquiri-la. Como não lhe agradasse nenhuma das outras, desistiu do seu propósito, e o casal retornou com as mãos vazias.

Os dias vão correndo... Carolina caminha para o terceiro ano de vida, e as bonecas continuam a visitá-la nos sonhos. Contentava-se em acalantar nos seus bracinhos as filhas de suas amiguinhas, que lhe permitiam por alguns instantes com elas brincar.

Terceiro ano de existência! O casebre em festa.

Na mesa tosca, pequenas porções de arroz-doce, doce de coco e um bolo de fubá com erva-doce – iluminado por três velinhas – seriam oferecidos aos quatro adultos, à meia dúzia de crianças e a Carolina. Todos à espera da madrinha, para o bater palmas. A época, desconhecido era o “Parabéns a você”.

Chega Fátima, a madrinha, com o marido e a filhinha – esta com sua inseparável companheira, a boneca Lurdinha, já conhecida de Carolina. Feliz, ao abraçar a amiguinha, logo se apossou de Lurdinha. Tão alegre ficou que nem sequer notou que a madrinha tinha nas mãos um pacote, esquecendo-se até de lhe pedir o tradicional “a benção, madrinha!”

Repreendida pela mãe, aproximou-se de Fátima e, no instante em que lhe beijava a mão, recebia assustada o embrulho.

Pela primeira vez, recebia um presente. Ouvira falar..., mas até aquele instante desconhecia seu significado. Confusa, ao desembulhar o volume, pernas bambas, senta-se ao chão e depara com uma boneca... uma boneca com tranças e laços vermelhos nas pontas... Estaria sonhando?

Alegria incontida, a todos abraça, e acalutando-a nos braços, carinhosamente deposita um beijinho na rosada bochechinha de sua tão desejada filha... Vive o primeiro momento de felicidade em sua vida...

Para os meninos, a realização do sonho seria bem mais simples. E daí que a bola não fosse de borracha ou couro? As meias usadas da mãe atenderiam plenamente as peladas no chão batido...

Foge o tempo... Para Carolina, andava de vagar... Com um ano de ininterrupto uso, a bonequinha de tranças, que inadvertidamente fora submetida a diversos banhos na beira do riacho que serpenteava na localidade, foi perdendo os cabelos, e as tranças foram assim desaparecendo. O tecido molhado já desfigurara também o rostinho de sua amada, que recebera o nome de Mariazinha.

Com o trabalho e as economias, então observados pela família, os pais já haviam melhorado financeiramente.

Quando Carolina deu sinais de tristeza, eles prontamente puseram-se em alerta, e não



demoraria para que a filha, com alegria incontida, tivesse ao seu lado, e como companheira, uma nova boneca, desta vez bem maior, mais robusta, com feições humanas, de material mais resistente.

Não havia mais motivo para o casal evitar o nascimento de outro filho. Radiantes, comunicaram o fato a Carolina, que acompanhou com entusiasmo

a gravidez da mãe. Afinal, via as amigas terem muitas irmãs.

Nasce, então, Severina, mas em Carolina não nasce o entusiasmo que os pais imaginavam. Não teria ela, agora, uma boneca de verdade? Mamaria, movimentaria braços e pernas, faria xixi, cocô, choraria de verdade...

Quando os pais a chamaram para lhe apresentar a irmãzinha, estavam certos de que sua vibração seria festiva. Viram, no entanto, o acobramento total por parte de Carolina.

- Filha, eis sua irmã Severina! Toma-a, cuidado, senta-te, coloca-a no colo! – exclamaram os pais. Carolina, porém, não estendeu os bracinhos. Continuou em pé, com sua filha nos braços. Sua filha era bem maior do que a outra irmã! A sua Mariazinha continuaria a ser a preferida... Desiludira-se com a presença daquele toquinho de gente, embrulhadinha nos panos...

Fazendo o Brasil

Os italianos que cruzaram o Atlântico e vieram para terras brasileiras em busca de melhores condições de vida acabaram mudando a economia de nosso país

Por Karina Sérgio Gomes

Durante o século XIX, São Paulo era a Maria Fumaça que puxava a economia com o plantio e a venda de café. Com o fim do tráfico negreiro, em 1850, o Brasil abre as portas para imigrantes estrangeiros virem trabalhar em suas lavouras. Nessa mesma época, a Itália se encontrava com uma alta taxa demográfica e de desemprego. Os italianos, sentindo-se atraídos pelas oportunidades em terras brasileiras, vieram “fazer a América”, como diziam, esperando prosperar. A mão de obra qualificada dos europeus agradava aos fazendeiros, que financiavam a

vinda deles para o país. Os imigrantes se tornariam não só a primeira mão de obra qualificada do país, como também ajudariam a construir um mercado consumidor.

A maioria veio para as regiões sudeste e sul. Sobre tudo, para São Paulo. O estado teve seu número de habitantes duplicado devido à leva, em especial, de imigrantes italianos: de 1870 a 1930, 1,5 milhão vieram para o Brasil, sendo que 70% se estabeleceram em terras paulistas. Muitos foram trabalhar na lavoura de café. Outros, com mais tino comercial,



Henrique Lupo, na relojoaria que teve até 1921, antes de fundar a Lupo



Linha de produção da Lupo nos anos 30. O carro-chefe da empresa ainda eram as meias masculinas

partiram para a capital para abrir seus comércios. Um desses foi Francesco Matarazzo.

Terra Nostra - “Fernando Grandino, um grande amigo da família que tinha conseguido prosperar aqui [*vendendo calçados em Sorocaba*], escreveu ao Francesco dizendo que o Brasil era um país de boas oportunidades. E, pelo que conhecia do patriócio, seria um ótimo país para ele vir tentar a vida”, conta Andrea Matarazzo, secretário da Cultura do Estado de São Paulo, e sobrinho-neto de Francesco.

Depois da morte do pai, Leo de Costabile Matarazzo, assim fez o italiano. Embarcou no primeiro navio que saía de Castellabate, no sudoeste da Itália, em 1881, vindo para o Brasil com a bagagem lotada de secos e molhados, que já comercializava na comuna italiana e pretendia vender por aqui. O que ele não esperava era perder toda essa mercadoria na hora do desembarque. “Quando foram fazer o transbordo na Baía de Guanabara, a barca acabou afundando e ele perdeu tudo”, diz Andrea.

Mesmo assim, ele não desistiu e foi para Sorocaba pedir ajuda ao amigo Fernando Grandino, que o hospedou até que conseguisse se restabelecer. A primeira ideia foi comercializar a banha do porco, usada para fazer sabão. Em seguida, vislumbraram uma maior oportunidade: por que não comercializarem eles mesmos o sabão? E aos poucos, Francesco construiu o seu império. No início do século XX, as Indústrias Reunidas Fábrica Matarazzo

formavam o maior complexo industrial da América Latina.

São Paulo, assim como Brasil em geral, era muito incipiente em indústria e mão de obra qualificada. “A maioria dos italianos vieram do norte da Itália, que já era uma região bem industrializada. Eles já tinham um *know how* de como montar uma indústria e o que fazer, o que o brasileiro não tinha”, explica o professor de economia da Universidade de Brasília, Flávio Versani. Em 1907, quando foi realizado o primeiro censo industrial do Brasil, havia pouco mais de 3.000 empresas no país. O segundo censo, em 1920, indicou 13 mil empresas, boa parte das quais de imigrantes. “Os estrangeiros, especialmente os italianos, trouxeram para cá um espírito



Foi só em 1926 que a primeira fábrica da Lupo foi inaugurada. Em seus cinco primeiros anos, a produção era feita na casa de Henrique. O tingimento dos tecidos era feito no banheiro

empreendedor”, destaca Flávio.

Outro imigrante de forte espírito industrial foi Rodolfo Crespi, que veio para o Brasil em 1893 e se estabeleceu no bairro da Mooca, região leste da capital paulista. E cinco anos depois, sua indústria têxtil já estava estabelecida por ali. Esses industriais foram os primeiros a criar um estabelecimento de fiação industrial de algodão. “Os tecidos brasileiros eram grosseiros. Eles trouxeram tecnologia para fabricar produtos mais sofisticados”, diz Versani.

Coisa fina – Esse mesmo *insight* teve Henrique Lupo. Aos 11 anos, o *bambino* acompanhou sua família para o Brasil, que vinha em busca de melhores oportunidades. Eles se estabeleceram em Araraquara, interior de São Paulo. Henrique aprendeu com seu pai a profissão de relojoeiro e ourives, a qual seguiu até 1921, quando resolveu entrar em um novo ramo.

“Com nove filhos para criar, meu avô, Henrique, buscava uma atividade mais rentável para sustentar a família. Mandou, então, trazer dois teares de meias de Minas Gerais, que foram instalados na própria sala de estar. O tingimento das peças era feito no banheiro”, conta Liliana Aufieiro.

Seis anos mais tarde, Henrique mandou seu filho mais velho, Rolando, para a Europa, que então vivia uma plena expansão industrial. Ele visitou mais de 30 fábricas e trouxe para o Brasil novidades tecnológicas. Nessa época, a Lupo passou a importar fios para confecção de produtos mais refinados, como meias masculinas, seu carro-chefe até 1960, quando começou a produzir meias femininas.

“A indústria paulista estava crescendo muito nessa época. Os imigrantes com mais iniciativa montaram os seus negócios. Um dos empre-

LUPO



Propaganda das meias Lupo nos anos 50

endimentos mais baratos eram as fábricas de tecido. E muitos italianos montaram as suas”, explica Versani. Quem não tinha tino para os manufaturados partiu para a área alimentícia. Afinal, a colônia italiana não parava de crescer e precisava abastecer-se de produto.

Mangiare, ô, ô! – “Ninguém sabia fazer macarrão aqui”, lembra o professor de história da Universidade Estadual de Maringá, no Paraná, João Fábio Bertanha. “Havia um nicho no mercado e eles souberam aproveitar.” Enquanto realizava uma de suas pesquisas sobre a imigração italiana, Bertanha achou uma interessante história sobre a família Ceratti.

Giovanni Ceratti veio para o Brasil em 1924, aos 27 anos. Natural de Castelmassa, no norte da Itália, tinha fortes opiniões contra o governo de Benito Mussolini e teve de sair do país por conta da grande

repressão que havia contra os antifascistas. No Brasil, tentou ser marceneiro, mas não deu certo. Montou então um pequeno açougue.

O comércio, no entanto, não prosperava. Até que decidiu ouvir um conselho de seu sogro: “Por que você não fabrica no seu açougue alguns frios italianos que a gente não encontra aqui?”. Um dos tais frios era a hoje popular mortadela. “Há uma ficha na polícia que conta que até os bons fascistas compravam embutidos com o Ceratti, por conta da boa qualidade. E isso irritava o consulado”, conta Bertanha.

Outro imigrante que aproveitou suas habilidades na cozinha foi Carlo Bauducco. Em uma visita a São Paulo para vender maquinários para padarias, notou que a cidade seria um campo fértil para suas receitas. Em 1943, decidiu vir para o Brasil tentar fazer a América com suas saborosas receitas de panetone.

LUPO



Inauguração da primeira unidade fabril da Lupo na Rodovia Washington Luís, nos anos 80



Vista panorâmica da fábrica da Lupo da Rua Gonçalves Dias, com o detalhe da Torre do Relógio, nos anos 80

Deixando mulher e filho em Turim, na Itália, Carlo veio com pouca bagagem, pois não sabia ao certo quanto tempo iria ficar, e tampouco se aqui se estabeleceria. O sucesso da receita, no entanto, fez com

que o imigrante decidisse montar uma doceria no bairro do Brás. E, logo, mandou a família vir para o Brasil. A cozinha começou a ficar pequena para tantas encomendas. E, em 1962, inaugurou a sua primeira fábrica na cidade de Guarulhos.

Caminho traçado – Não só no ramo alimentício, mas em vários outros setores os imigrantes italianos conseguiram prosperar. Um mito, entretanto, que se espalhou entre os italianos que conseguiram fazer fortuna é o de que eles teriam vindo com uma mão na frente e outra atrás. “Em geral, esses imigrantes vinham com algum dinheiro. Com essa verba, a maioria começou com alguma atividade comercial e conseguiram prosperar”, explica o historiador João Fábio Bertonha.

Um belo exemplo é a família Lorenzetti, que já veio ao Brasil com uma estrutura encaminhada. Em 1900, Alessandro Lorenzetti recebeu uma oferta de trabalho e veio para São Paulo, por meio de uma empresa inglesa, estagiar como engenheiro na construção de uma estrada de ferro. Vinte anos depois, Alessandro conheceria Carlos Tonanni, também italiano, que tinha uma oficina de consertos de máquinas agrícolas.



Quando chegou em São Paulo, Carlo Bauducco planejava vender maquinário para padarias. Mas sentiu que a cidade oferecia um bom futuro para seus planos e se instalou no Brás, em 1960

Em 1922, os dois decidiram montar uma fábrica de eixos e parafusos juntos. Pouco tempo depois, no entanto, Tonanni adoeceu e acabou falecendo. E Alessandro teve de voltar à Itália. Nesse período, quem veio para o Brasil para cuidar dos negócios foram seus filhos, Lorenzo e Eugenio Lorenzetti. Com a chegada da dupla, a fábrica começou a produzir também isqueiros, gasogênio, peças para cafeteria, patins e materiais elétricos, produtos que, até então, não eram fabricados no Brasil. E o grande sucesso veio nos anos 70 com a fabricação de chuveiros.

Condições favoráveis – Um dos fatores que ajudaram na prosperidade das fábricas italianas foram as leis de proteção aos produtos nacionais. “Nessa

Arquivo Bauducco



O carro usado para fazer entregas em 1952

fase inicial de industrialização, o governo brasileiro precisava arrecadar recursos de impostos de importação. Por isso, aumentava as tarifas alfandegárias”, explica Versani. Assim, os produtos nacionais ficavam mais baratos e acabavam sendo mais consumidos.

Nesse segundo período de industrialização, que começou a partir de 1930, outros dois importantes fatores que também contribuíram para o

desenvolvimento industrial foram: o grande êxodo rural, que, por conta a crise do café, colaborou para o aumento da população urbana e do mercado consumidor; e a redução das importações, devido à Segunda Guerra Mundial. Com os países desenvolvidos em crise, a indústria nacional estava livre da concorrência estrangeira.

Arquivo Bauducco



A doceria montada no Brás fez tanto sucesso, que logo a família de Carlo veio da Itália para viver com ele. Nas fotos, a fachada da doceria e alguns funcionários



Arquivo Bauducco



Depois do panetone, outras receitas de Carlo passaram a integrar a produção da fábrica. O biscoito champanhe é uma delas, até hoje marca da Bauducco

Arquivo Bauducco



Em 1962 foi inaugurada a primeira fábrica. Em 1967, Carlo mandou vir maquinário da Itália para incrementar a produção

Nesse mesmo período, em 1928, Francesco Matarazzo funda o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), a primeira associação a congregar as indústrias paulistas. “Os italianos eram muito politizados e tinham essa noção de corporativismo que não existia no Brasil”, explica Versani. O objetivo da Ciesp era organizar e defender os interesses das indústrias de São Paulo.

Outra razão da forte presença de imigrantes nas indústrias era a preferência dos proprietários italianos por seus patrícios no preenchimento das vagas. Tanto que, em 1931, o então presidente Getúlio



O panetone, uma das receitas italianas mais famosas, logo se tornou símbolo do Natal brasileiro

Arquivo Bauducco

Vargas sancionou a “Lei dos 2/3”, que obrigava as indústrias a manterem, nos seus quadros de pessoal, dois terços de trabalhadores brasileiros. “Os estrangeiros eram muito mais qualificados e tinham mais estudos do que os brasileiros, que só tinham trabalhado em lavoura até então”, diz Versani. A força italiana que aqui construiu indústrias favoreceu também a vinda de fábricas já consolidadas na Itália para o Brasil, como a Fiat (veja box).

Apesar de alguns grandes impérios já não existirem mais, como os de Crespi e Matarazzo, muitas indústrias italianas prosperam até hoje (veja box). Algumas já não estão mais na mão das famílias originais, mas continuam



Arquivo Lorenzetti

Funcionários em frente à fábrica da Lorenzetti em foto da década de 1920

com seus nomes italianos para lembrar a força daqueles que vieram “fazer a América” e acabaram colaborando para criar um Brasil industrial.



Arquivo Lorenzetti

A fábrica da Lorenzetti na década de 1960

Arno

A Arno nasceu em 1940, quando João Arnstein Arno, natural de Trieste, criou a Construções Eletromecânicas Brasileiras Ltda., empresa especializada na fabricação de motores elétricos. Quatro anos depois, a Arno absorveu outras três empresas, fusão da qual surgiram as Empresas Reunidas e Comércio Arno S.A. Em 1947, a fábrica começou a produzir também peças para automóveis e para pequenos eletrodomésticos. Pouco tempo depois, começou a fabricar enceradeiras, aspiradores de pó, liquidificadores – eram os primeiros eletrodomésticos do país, facilitando para sempre a vida doméstica dos brasileiros.

Droga Raia

O farmacêutico João Baptista Raia veio para o Brasil em 1905. Nesse mesmo ano, inaugurou a Pharmacia Raia, na cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo. Não demorou para as farmácias de manipulação começarem a perder espaço para as drogarias – que vendiam remédios industrializados. João Baptista logo percebeu a necessidade de se adaptar. E traçou um modelo de negócio que anos mais tarde incorporaria aos princípios da empresa: “Interessar-se realmente pelos clientes, colocando suas necessidades acima de qualquer venda.” Cem anos depois, a Droga Raia se tornou uma das cinco maiores redes de drogarias do Brasil.

NASCIDOS NA ITÁLIA

Pirelli

Em 1872, foi fundada, em Milão, pelo engenheiro Giovanni Battista Pirelli, a Fábrica de Pneus Pirelli. Atualmente, é um dos principais grupos econômicos italianos, e sua produção vai além dos pneumáticos – a Telecom Italia (TIM) faz parte do grupo. A Pirelli veio para o Brasil em 1929, com a aquisição da Conac, uma pequena fábrica de condutores elétricos instalada na cidade de Santo André, em São Paulo. A filial brasileira é hoje uma das mais importantes unidades de negócios do Grupo Pirelli em todo o mundo.

Caloi

Luigi Caloi veio para o Brasil em 1898. Nesse mesmo ano, fundou a Casa Luiz Caloi, que importava bicicletas da Itália para serem vendidas aqui no Brasil. A dificuldade em importar produtos devido à Segunda Guerra Mundial fez com que Luigi começasse a produzi-las no país. Em 1945, foi inaugurada a primeira fábrica da Caloi em São Paulo, no Brooklin – que também foi a primeira fábrica de bicicleta do Brasil. A Caloi alcançou a popularidade com a produção de modelos dobráveis, em 1960. Doze anos depois, a empresa lançou a Caloi 10, a primeira de 10 marchas do país. O sucesso desse modelo solidificou de vez a marca. Atualmente, ninguém da família pioneira faz parte da empresa.

Papaiz

Em 1947, Luigi Papaiz inaugurou uma pequena fábrica, em Bolonha, de válvulas de pressão para gases líquidos. Durante o pós-guerra, em 1952, a família Papaiz se mudou para São Paulo, no bairro da Vila Prudente, onde começou a produzir fechaduras para a indústria de móveis. Em 1967, Luigi iniciou a fabricação de cadeados. Três anos depois, passou também a produzir fechaduras residenciais. Por conta do crescimento, a empresa foi transferida para Diadema em 1999. Em 2008, a unidade Papaiz foi transferida, em sua totalidade, para Salvador, Bahia.

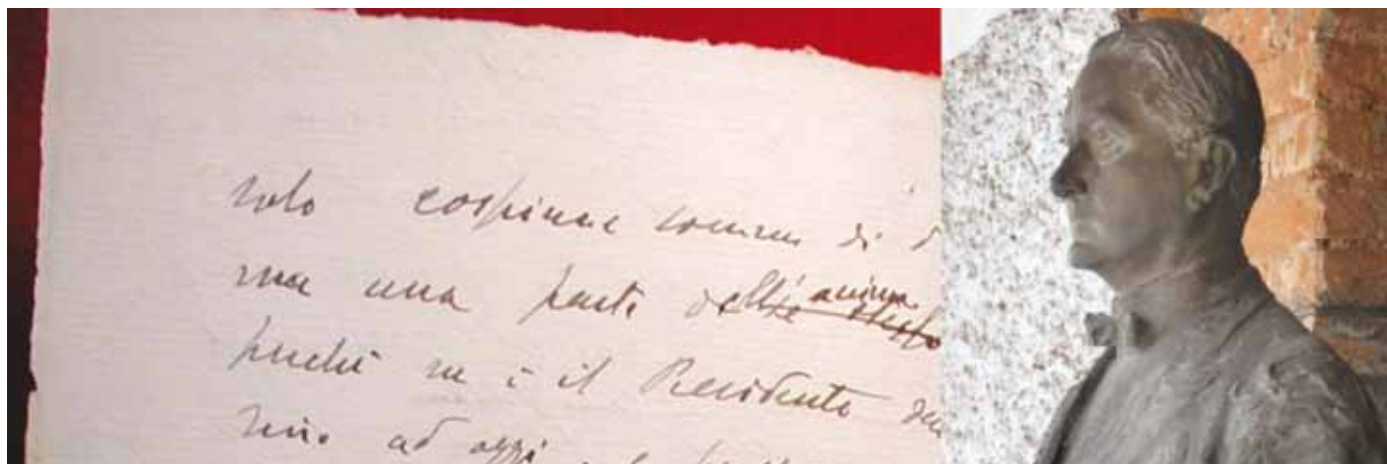
Fiat

A Fábrica Italiana Automobili Torino (Fiat) foi fundada por Giovanni Agnelli, em 11 de julho de 1899. As primeiras atividades do grupo eram a fabricação de automóveis e de veículos industriais e agrícolas. Durante a Primeira Guerra Mundial, passou a produzir metralhadoras e até motores para submarinos. A Fiat veio para o Brasil em 1976 e, desde então, está instalada em Betim (MG). Atualmente, a empresa opera em três turnos, com capacidade produtiva para até 800.000 veículos por ano, resultado de investimentos na ordem de R\$ 5 bilhões até 2010, o que a torna uma das maiores fábricas de automóveis do mundo.

Uma parte da alma

Vida de Crespi e do Istituto Medio

Texto: Alessandro Dell’Aira Fotos: Alessandro Dell’Aira e João Florencio Tradução: Francisco Degani



3. A lição de Pirandello

Resumo dos episódios anteriores. *Para se tornar melhor conhecido nos ambientes romanos, Rodolfo Crespi condensou em poucas linhas a sua origem e suas benemerências, entre as quais a contribuição pessoal para o nascimento e o sucesso do Istituto Medio. Três anos depois, obteve o título de conde e continuou a se dividir entre a Itália e o Brasil.*

Por causa de suas frequentes viagens à Itália, às vezes Rodolfo não estava presente às visitas que italianos famosos, de passagem por São Paulo, faziam ao *Istituto Medio*. Assim foi, em setembro de 1920, com o príncipe Aimone de Savoia, os oficiais e os cadetes do encouraçado “Roma”. Assim foi também, em 1924, com o general Pietro Badoglio, embaixador no Rio de Janeiro. Mas o mais lamentado dos encontros não ocorridos foi com Luigi Pirandello, em turnê pelo Brasil como produtor e diretor – tradutor, como ele dizia – de suas peças.

A vinda de Pirandello e da primeira atriz, Marta Abba, provenientes do Rio de Janeiro, um dia após a chegada da companhia, foi um evento excepcional. Ele era o autor italiano vivo mais famoso no exterior, pelas centenas de novelas, romances e peças teatrais que havia escrito. Muitos o comparavam com Ibsen, que era norueguês. Pirandello, no entanto, apesar de ter se especializado na Alemanha, permanecera muito ligado à Sicília, sua terra natal, e criava histórias cheias de tensões e pertur-

bações causadas por uma sociedade em crise e uma vida urbana órfã das certezas do passado.

Pirandello declarou aos jornalistas: “Eu não sou um filósofo. O filósofo pensa e analisa o mundo. Eu consigo apenas vê-lo e senti-lo em imagens: homens, paixões, choques entre homens. Minhas personagens são tão concretas e humanas, que de cada uma delas eu poderia dizer como é a voz e até as unhas...”



Pirandello e Marta Abba em São Paulo, saindo da Estação do Norte. O primeiro do grupo à esquerda é Oswald de Andrade

Pirandello e Marta Abba visitaram o *Istituto Medio* na tarde de 29 de agosto de 1927, uma segunda-feira. Recebidos pelo diretor Magnocavallo, entraram nas salas onde havia aulas. Foram acompanhados por Renata, primogênita de Rodolfo e esposa do futuro prefeito de São Paulo, Fábio da Silva Prado. Renata e Fábio gostariam de tê-los levado também para a fazenda Santa Cruz, em Araras, mas os compromissos da companhia, chegada da Argentina e do Uruguai, e dirigindo-se para a Itália, não o permitiram. De maneira que almoçaram juntos antes de visitar a Escola.

À mesa, Renata contou a história da família, do pai que chegara ao Brasil ainda garoto, com pouco dinheiro no bolso, e que logo se tornara um grande industrial e agora também conde de Sua Majestade, o rei da Itália. Contou de quanto o pai era ligado ao *Istituto Medio*. Pediu a Pirandello que lhe sugerisse uma frase para ser colocada como lema em um ex-libris. Pirandello, que a escutava em silêncio, ficou pensativo, mas o fez apenas para dar ênfase ao que já tinha em mente e pensava dizer. Saiu-se com uma frase nem breve nem longa, uma fala de “*La vita che ti diedi*” [A vida que te dei], representada em São Paulo juntamente com “*Sei personaggi in cerca d'autore*” [Seis personagens à procura de autor] e “*Il gioco delle parti*” [O jogo dos papéis]. Era a história de uma mãe que perdera o filho e, não querendo aceitar sua morte, obstinava-se em acreditar e fazer acreditar que estivesse vivo. A frase era: “Não busque nada que não venha de você.” Renata entendeu-a como um convite para contar sempre e apenas consigo mesma e com os próprios recursos. Na verdade, Pirandello, naqueles dias, ficara impressionado com a história do aviador francês Charles Nungesser, desaparecido entre Paris e Nova York, em lugar impreciso, ao atravessar o Atlântico sem escalas, alguns dias antes que Lindbergh estabelecesse seu histórico recorde. E pelo fato de que Lindbergh visitara a mãe de Nungesser e a encontrara convencida – mas quanto? – de que o filho ainda estava vivo,



em algum lugar. Uma história verdadeira, que parecia inspirada em “*La vita che ti diedi*”.

Uma semana depois, às vésperas da partida da companhia, o diretor Magnocavallo representou Crespi no almoço oferecido ao ilustre hóspede na sede do Automóvel Clube. No momento do brinde, foi ele quem fez o discurso de despedida. Pirandello deixou São Paulo com a mãe de Nungesser em mente.

Renata mandou desenhar o ex-libris com a frase de Pirandello inserida nas páginas de um livro aberto, ladeada pelos brasões do pai e do marido. O do pai, encimado por uma coroa, era muito simples: uma torre ameaçada em um prado, e uma estrela no céu. A torre era símbolo da força e da determinação humana. A estrela, dos valores ideais. A coroa era dos Savoia, que lhe haviam concedido o título. Não podia faltar.

Rodolfo aprovou a escolha da filha. O mesmo conselho lhe dera seu pai, antes que ele partisse de Busto: conte apenas com suas forças. E assim



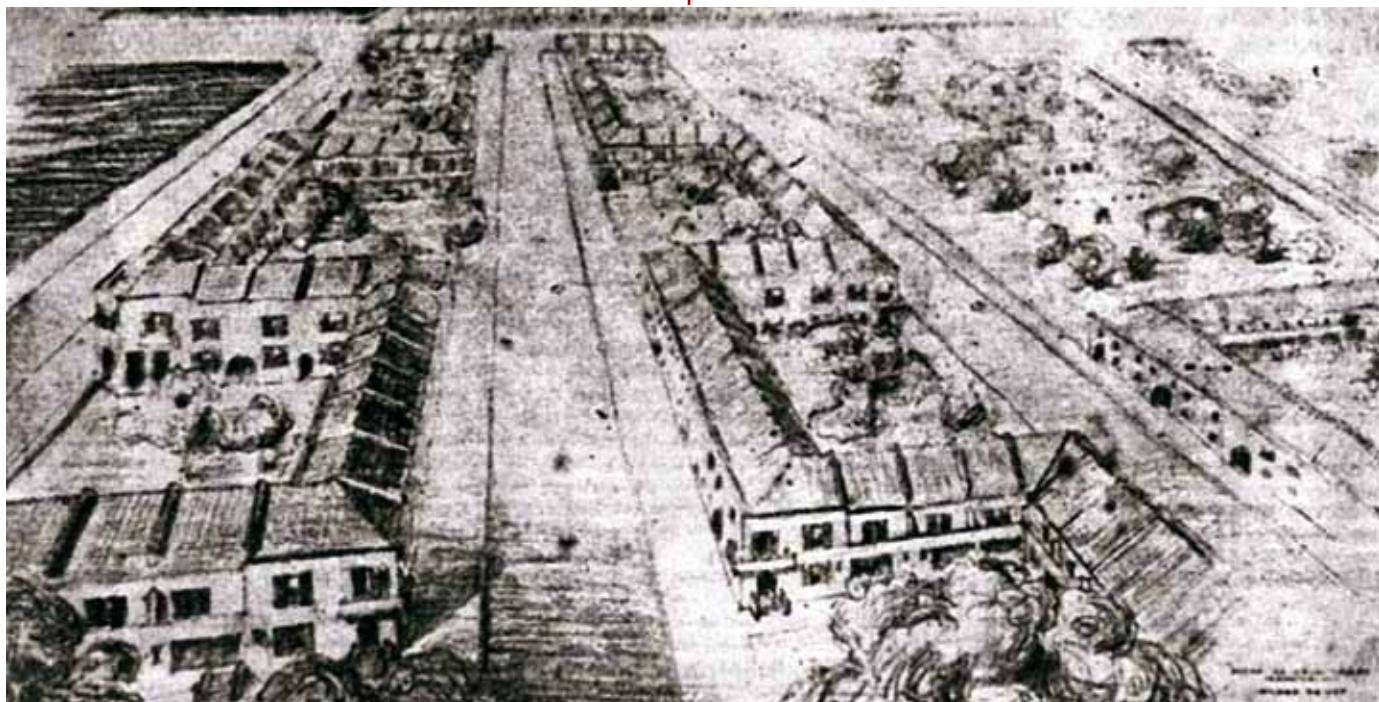


perspectiva do projeto, publicada pelo “Correio da Tarde” de 31 de janeiro de 1931, e hoje resgatada por Maria Luiza de Freitas, da Escola de Engenharia de São Carlos.

Muitas das propostas de Crespi, como a realização daquele concurso, acabaram esquecidas depois de seu falecimento. O *Istituto*, a melhor parte de sua alma, sobreviveu a ele. Era sua criação predileta. Não espere nada da vida e dos homens. Não busque nada que não venha de você. Antes de concluir

seu ambicioso percurso, indo e voltando de dois continentes, Rodolfo teria ocasião para refletir sobre aquela lição de Pirandello.

(3/4 - Continua)



Acima, projeto de Jayme da Silva Telles para vila de operários. O ex-libris de Renata Crespi (reproduzido na pág. 25) foi descoberto em um volume que já fora propriedade de Renata Crespi da Silva Prado, hoje patrimônio da Biblioteca Municipal de Araras. Sua

reprodução aqui se deve à gentil concessão de seu diretor Jorge Alves de Oliveira. As notícias sobre a visita de Pirandello foram levantadas nos jornais da época, exceto a do almoço na casa dos Prado, que se supõe ocorrido pouco antes da visita ao Instituto Medio.

Uma artista entre nós

Leila Parente, que foi casada com o já falecido ex-presidente de nosso Colégio, Francisco Parente, tem não apenas uma bela história nos palcos, como também uma forte memória dantiana

Por Marcella Chartier

De 1954 a 1985, nosso Colégio foi presidido por Francisco Parente, um homem sério e firme, muito amado pela comunidade dantiana, e que faria 99 anos neste 2011 do centenário. Para que se tenha uma ideia do tamanho desse amor, basta lembrar a despedida que lhe foi reservada no próprio Colégio. Quando faleceu, no mesmo ano em que deixou a presidência, um cortejo fúnebre de ônibus da frota dantiana se formou. Lá estava, dando adeus ao ex-marido, Leila Parente. “Bem arrumada”, como ela mesma lembra, em mais uma forma respeitosa de prestar suas homenagens ao homem que lhe deu cinco filhos – um deles, Kiko, é hoje parte da direção executiva do Colégio.

O casal se conheceu apenas dois dias depois de ela chegar de Roma com a irmã, aos 20 anos, no dia 30 de agosto de 1950. Ele tinha 41 anos e se encantou completamente pela bela italiana, loira de olhos azuis, que se mudou para cá por conta de um contrato: Leila era artista, dançava no teatro, acompanhada da irmã gêmea. E foi

depois de vê-la nos palcos que Francisco se apaixonou. As irmãs Parisi tinham passos extremamente harmônicos entre si, o que chamava a atenção do público. Resultado de aulas de ballet que as duas frequentavam ainda na Itália, desde os 16 anos, e que já haviam rendido à dupla viagens a trabalho

pelo país de origem. A experiência precoce nos palcos tornou-as artistas ainda mais diferenciadas quando chegaram a São Paulo, onde não havia, na época, uma equipe completa para a produção dos espetáculos. “Nós mesmas fazíamos nossa maquiagem, arranjávamos nossas roupas, e os diretores gostavam muito disso porque resolvíamos o que era necessário”, lembra Leila.

O contrato no Brasil era só de três meses, mas elas acabaram fechando outros, e o tempo de permanência foi aumentando. As duas viajaram pela América do Sul se apresentando, e no meio de uma estadia de sete dias no Chile, Leila foi surpreendida pelo admirador (já nada secreto): Francisco foi de carro até lá e disse que



Sandro Mitter



Arquivo pessoal Leila Parente

Acima, Leila no restaurante Spazio Gastronomico, de seus filhos, os irmãos Parente. Embaixo, reunida com os netos.

queria se casar com ela. Apesar de a diferença de idade ter deixado a família dela um pouco apreensiva no início, logo vieram as bodas e, com isso, também o abandono dos palcos.

Um ano antes do casamento, que aconteceu em 1953, Leila Parisi (então seu nome de solteira) chegou a participar de um filme com o famoso ator, produtor e cantor Mazzaropi, filho de imigrantes

italianos. *Sai da frente* foi uma comédia dirigida por Abílio Pereira de Almeida e produzida pela grande detentora do mercado cinematográfico à época, a Vera Cruz. O filme foi um sucesso e, com certeza, como afirma a própria Leila, teria sido apenas o primeiro de muitos se ela não tivesse tomado outro rumo em sua vida. “Eu acabei fazendo sucesso sem querer, e tive que dizer não aos contratos seguintes. Mas não abandonei totalmente a arte, continuei nela, sendo mãe.”

Mãe em tempo integral, que ligava para o marido no Dante para contar cada novo passo dado pelos pequenos: se tinham andado, falado alguma nova palavra, feito alguma travessura engraçada. Francisco nem sempre podia falar, em meio aos afazeres de presidente. “Ele atendia muito bem os pais que iam procurá-lo, era extremamente dedicado ao Dante”, diz Leila.

Além de cumprir o expediente normal, Francisco estava sempre presente nas solenidades, festas e comemorações de pais e alunos, acompanhado da esposa e, com o tempo, dos filhos, que passaram a estudar lá.



Leila e a irmã gêmea, ambas artistas, chegaram de Roma em agosto de 1950. O auge da carreira de Leila foi a participação no filme *Sai da frente*, de Mazzaropi, anunciado no recorte de jornal acima

“A primeira comunhão era maravilhosa. Também estive em festas juninas, inaugurações de prédios, despedidas de professores e alunos... tudo no Dante era muito humano”, recorda, mencionando nomes de professores dos quais se lembra

com carinho, como o prof. Gianfederico Porta, a profa. Germana de Angelis, entre outros.

Aos 81 anos, Leila continua belíssima e com ótima saúde. Encontra as amigas para jantar ou jogar tranca durante a semana, permanece inseparável da irmã gêmea, para quem liga diariamente, e compartilha todas essas lembranças que guarda do passado com os filhos e netos. Toda quarta-feira, eles se reúnem na casa dela para jantar. Ela sempre assume a cozinha para preparar a massa, os molhos pesto e de tomate, como boa italiana que é – inconfundível, também, pelo forte sotaque, que assume contornos do próprio idioma italiano em algumas frases e expressões, como é comum entre os imigrantes que ainda carregam consigo um bom pedaço da terra natal.



Com o ex-marido, Francisco Parente, que foi presidente do Colégio de 1954 a 1985, ano em que faleceu

A verdadeira história de Marta Vannucci

Aluna do Instituto Medio Italo-Brasiliano Dante Alighieri

Texto e fotos: Alessandro Dell’Aira

Chegou de táxi. No ano passado subiu o Himalaia – só a meio caminho, coisa de nada, faz questão de dizer. Este ano passou por São Paulo, onde morou por quarenta anos, de 1930 até 1970, cidade que, aliás, visita com frequência. Fez também questão de passar o dia do seu aniversário, 10 de maio de 2011, na Escola em que estudou. Ela e a Escola, as duas ainda muito jovens. O Himalaia pode ser o “teto do mundo”, mas, em face dos cem anos do Colégio Dante e dos noventa de Marta, isso não é lá muita coisa.

Marta Vannucci é autora de um conto escrito como homenagem póstuma a Giorgio, um de seus companheiros de turma, com quem estudou nos anos 30. É a história de um primeiro amor e, como ela mesma escreveu, “de fatos que muito provavelmente se repetiram centenas ou milhares de vezes, com pequenas ou grandes variantes”. Uma daquelas histórias ternas entre jovens, histórias que, infelizmente, a guerra acabou por ceifar. O pai de Marta, Dino Vannucci, médico-cirurgião, lutou como “alpino” na Primeira Guerra Mundial, da qual saiu mutilado. Na carreira acadêmica, pluridecorado, era livre-docente nas universidades de Pádua e Florença, esta última a sua cidade, onde tomou parte do movimento *Italia libera*, fundado pelos irmãos Rosselli e Piero Calamandrei. Opôs-se a Mussolini

desde os primeiros dias do fascismo. Quando mataram Giacomo Matteotti (político socialista e antifascista), Dino expôs um retrato deste na capela da família para que os amigos o homenageassem. Quiseram impedir o gesto, mas ele asseverou que a capela era sua e lá dentro fazia o que queria. Daquele dia em diante, a vida de Dino em Florença se tornou impossível. Assim, em 1927, resolveu ir ao Brasil. Em

São Paulo, ofereceram-lhe uma vaga de cirurgião no Hospital Umberto I. Uma vez estabilizado, trouxe a família ao Brasil. A pequena Marta, que, em Florença, havia frequentado a escola municipal “Regina Margherita”, chegou com a mãe e a irmã em 1930. No Instituto Medio Italo-Brasiliano Dante Alighieri, foi matriculada na quinta série da preparatória. O pai é quem a levava a primeira vez para a Escola, onde foram recebidos pelo diretor Magnocavallo. Pessoa distinta e cortês, lembra Marta.

Em casa, Dino não falava de política na frente das filhas. Mas os filhos, à medida que crescem, passam

a entender do mundo muito mais do que os maiores supõem. Um dia, Marta perguntou ao pai se, na Escola, tinha obrigação de fazer a saudação fascista à maneira dos outros, ou não. Ele então lhe respondeu que fizesse o que melhor lhe conviesse, em atendimento sempre à própria consciência. Assim,



A ex-aluna que completou 90 anos no ano em que o Dante chegou ao centenário, comemorou a data na própria escola

ensinou-lhe o que é responsabilidade e sentido do dever.

Dino faleceu em 31 agosto de 1937, com quarenta e dois anos, vítima de septicemia, desenvolvida por um corte sofrido no dedo, com um bisturi, enquanto operava uma indigente de peritonite. Para Marta, faltavam-lhe poucas semanas para os exames finais, então chamados de “madureza”. Quando ela retornou à Escola, apresentou-se sem gravata e não fez nenhuma saudação. Pela ousadia, foi chamada à direção pelo senhor Venturi, que a olhou demoradamente, em silêncio, mas não a repreendeu.

Marta encarou o exame e passou com louvor. Era na Itália que iria prosseguir seus estudos, mas a morte do pai alterou os programas da família. Para complicar, como não havia frequentado o curso seriado, não possuía o diploma exigido pelas universidades brasileiras. Apresentou-se na Universidade de São Paulo (USP) e descobriu que não podia matricular-se ali regularmente. De qualquer forma, foi admitida como aluna de História Natural na faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, desde que, porém, finalizasse o curso seriado. No *Istituto Medio*, o diretor Venturi e os inspetores paulistanos não criaram objeções à sua frequência irregular. Em dois anos, Marta obteve o diploma brasileiro e pôde assim concluir seus primeiros estudos acadêmicos.

Mas a vida lhe reservava, ainda, outras dores. Há vinte e um anos Marta perdeu a mãe. Giorgio não voltou mais do front. Um primeiro amor nascido na escola e morto na guerra. Enviado à África, foi um dos 3.500 paraquedistas da divisão *Folgore*. Desapareceu em El Alamein, no deserto egípcio, lutando contra as tropas da coalizão inimiga, quinze vezes mais numerosa. Um inferno ao qual poucos sobreviveram. Aos caídos em El Alamein, o próprio Winston Churchill chegou a render honra especial. Foi a mãe de Giorgio quem informou a Marta. Disse-lhe: “Vem”, e ela entendeu. Marta escreveu no seu conto: “Quicá Giorgio siga vivo, e a morta sou eu? Que seja eu a desaparecida no mundo e ele ainda esteja vivo?”

Marta doutorou-se em Zoologia com o professor Ernst Marcus, que em seguida a elegeu como sua assistente. Frequentou rodas de cientistas e intelec-



Doutora em Zoologia, Marta viajou o mundo em defesa de causas pacíficas

tuais de São Paulo, amigos do seu pai, desfrutando, sobretudo, da amizade de Aloysio de Castro e outros docentes da faculdade de Medicina do Rio. Tinha 25 anos quando foi admitida na Academia de Ciências do Rio. Naturalizou-se cidadã brasileira e casou-se com um colega de trabalho, do qual teve um filho, Érico. Separou-se, casou-se de novo, e do segundo marido teve o segundo filho, Dino. Mas sua vocação de “desaparecida no mundo” – iniciada em Florença, quando menina, por conta da intolerância humana, e agravada em São Paulo pela morte de duas pessoas amadas – viria a lançá-la outra vez para outros lugares, de São Paulo à Índia, do México ao Japão, na nobre defesa da causa da paz.

Nos primeiros dias de 1970, Marta foi convidada para um almoço por uma personalidade muito influente no âmbito acadêmico, político e diplomático. A razão daquele convite era uma antecipação confidencial: a oferta de um cargo importante na delegação Unesco da Índia, com o vivo conselho de aceitá-lo. Mas o que havia por detrás de tudo aquilo?

No começo dos anos 50, Marta dirigia o Instituto Paulista de Oceanografia. Conseguiu logo fazê-lo passar à USP, com o nome de Instituto Oceanográfico, graças ao apoio do reitor Luciano Gualberto. Implantou uma parceria com a Unesco, oferecendo bolsas de estudo a estudantes latino-americanos, depois encaminhados para os EUA, a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha. Dedicou-se aos estudos sobre o plâncton e foi encarregada de acompanhar o projeto de um navio de média tonelagem, batizado de “Professor Wladimir Besnard”, bastante



O presidente do Colégio Dante, dr. José de Oliveira Messina, conversa com Marta Vannucci

similar à famosa “Calypso” do pesquisador francês Coustou. A construção foi entregue a um estaleiro norueguês, para a qual concorreram capitais da USP e da Fundação Ford. Pesquisadora corajosa e independente, Marta convencera a Marinha brasileira a permitir que a universidade dispusesse de um navio para investigações científicas. Ocorreu que depois, no fim dos anos 60, o contra-almirante Alberto dos Santos Franco, hidrógrafo de renome, assumiu o cargo de diretor do Instituto Oceanográfico.

Na Índia, Marta colaborou como coordenadora técnica para um programa de desenvolvimento promovido por uma sociedade internacional que, com sede no Japão, e aos pés do Himalaia, atuava na inspeção de ecossistemas costeiros, úmidos e ricos de mangues. O trabalho consistia na proteção e na reprodução dessas plantas da faixa tropical, que, segundo os cálculos de Marta, liberam na atmosfera mais oxigênio do que toda a Amazônia. Iniciado em 1983 como programa bienal, com nove países, durou oito anos e acabou por incluir 22 países.

Aos sessenta anos, Marta apaixonou-se pelo sânscrito e pelos Vedas, os quatro textos sagrados do hinduísmo, dos quais estudou sobretudo os aspectos ecológicos, publicando também contos e estudos originais sobre a “lógica da natureza”. Entre outras coisas, intuiu que os Vedas falam do Big Bang. Percebeu também que, para viver com as três crianças de quem cuidava, sem tê-las no entanto adotado, eram suficientes 3 mil dolares por

mês. Assim, quando se aposentou, mudou-se para Okinawa, a fim de prosseguir nos estudos e estendê-los à América Central e ao Caribe, o que foi possível graças ao suporte de uma outra sociedade internacional, em colaboração com o Politécnico de Hong Kong. Elaborou um documento que era uma espécie de estatuto sobre a defesa dos mangues, e assinou uma série de ensaios que representaram um modelo para outras declarações aprovadas pela ONU sobre o meio ambiente. Em 1988, em memória do seu primogênito, falecido dois anos antes, instituiu o prêmio “Érico Vannucci Mendes”, com o objetivo de incentivar o estudo da cultura brasileira em todos seus aspectos e “promover a valorização e a conser-

vação dos conhecimentos já tradicionais e dos que vêm sendo incorporados ao longo do tempo”. Em novembro de 1996, o então presidente Fernando Henrique Cardoso outorgou-lhe a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, da qual Marta muito se orgulha – a despeito, diz ela, de nunca a ter exibido publicamente. Da mesma forma, alguns dias depois da sua visita, o Colégio quis homenageá-la com a medalha da Ordem do Sino, conferida aos alunos que se distinguem na vida por méritos especiais. Marta a recebeu com comoção e comentou que o sino é importante em todas as culturas. Seus toques, no Colégio, seguem medindo o tempo das aulas, como dantes.

Atualmente, Marta vive em Florença. Quando pode, volta aos lugares dos seus amores e da sua formação humana e científica. Desta vez, por ocasião do seu nonagésimo aniversário, quis visitar o Colégio Dante em São Paulo, reencarnação, por assim dizer, do *Istituto Medio Dante Alighieri*, onde seu pai, no longínquo ano de 1930, a acompanhou de mão dada para matriculá-la na quinta série da preparatória. E onde se apaixonou por Giorgio, o seu companheiro de turma, desaparecido em 1942 entre as dunas de El Alamein. Apresentou-se na antiga Escola com um lindo sorriso, e voltou para casa de táxi, sozinha, tal qual havia chegado: sorrindo. Porque, como escreveu no seu conto, “o amor e a memória vivem mais do que os corpos, que, num dia feliz, poderão por fim ir embora para sempre”.



O Dante também é High School. **YYEESSSS!!!**

O Colégio Dante Alighieri, em parceria com a Texas Tech University, oferece, opcionalmente, o diploma oficial de High School. Os alunos, além do currículo brasileiro, têm aulas em inglês completando a formação americana.

Para mais informações:

www.colegiodante.com.br

(11) 3179-4400

A porta de um mundo

Por Luisa Destri *



O que de melhor se pode dizer sobre *Coração* talvez já tenha sido dito por Manuel Bandeira (1886 – 1968), poeta da geração de brasileiros que foi tocada pela primeira edição do romance de Edmondo de Amicis para o português: “Era a porta de um mundo [...], de um

sentimento misturado, com a intuição terrificante das tristezas e maldades da vida.” Editado na Itália em 1886, e tendo como autor um ex-militar, o livro apresenta o diário de Enrico, um garoto de 11 anos que narra a sua rotina escolar. Intercalados pela transcrição de bilhetes escritos pelos pais e de contos apresentados por seu professor, seus pensamentos retratam situações do dia a dia responsáveis pela formação do caráter do garoto. Logo de início, o despertar do menino para a passagem do tempo é tematizado de forma delicada e contundente: no primeiro dia de aula, Enrico se dá conta de que um novo ano letivo não é apenas o início de uma fase, mas também a despedida de outra. O antigo professor lhe pergunta: “E aí, Enrico, estamos separados para sempre?”

Na convivência com os novos colegas – cujas diferentes origens apontam para a novidade da unificação italiana, ocorrida em 1861 – o narrador enfrenta situações das quais extrai lições de coragem, humildade, respeito e solidariedade. É assim com um colega que salva o outro de um atropelamento. Ou com o primeiro da turma, que assume a autoria de uma desobediência para proteger um garoto frequentemente humilhado pelos colegas. Como não poderia deixar de ser, o livro tem marcas patentes da época em que foi escrito e do pensamento militar de seu autor. Se, por um lado, é interessante a manifestação do patriotismo de uma nação que acabara de se formar, há episódios a serem lidos com mais distanciamento, como aquele em que a mãe de Enrico não o deixa entrar em uma escola para deficientes porque a presença de um menino saudável poderia entristecê-los. Assemelhando-se, assim, a uma sequência de fábulas, dada a sua intenção didática, a narrativa oferece uma atraente experiência de leitura: mesmo que, ao final, o objetivo seja fazer o público infantojuvenil superar as lições ali encontradas.

Coração
352 páginas - Cosac Naify

Trecho

“Enquanto ditava, desceu para passear no meio dos bancos e, ao ver um rapaz que tinha o rosto todo vermelho de bolinhas, parou de ditar, segurou o rosto dele entre as mãos e observou. Depois, perguntou o que tinha e pôs uma das mãos na testa dele para ver se estava quente. Naquele instante, um jovem atrás dele levantou-se e começou a imitar o professor. Perboni se virou de repente; o rapaz ficou ali, de cabeça baixa, esperando o castigo. O mestre pousou a mão na cabeça dele e disse: ‘Não façam mais isso’. E nada mais. Voltou para a mesa e terminou o ditado. Quando acabou de ditar, olhou-nos por um momento, em silêncio. Depois disse, devagarzinho, com a sua voz grossa,

mas gentil: ‘Escutem. Temos de passar um ano juntos. Vamos tentar fazer isso numa boa. Estudem e se comportem. Não tenho família: minha família são vocês. No ano passado, ainda tinha a minha mãe: ela morreu. Fiquei sozinho. Só tenho vocês no mundo, não tenho nenhum outro afeto, nenhuma preocupação exceto vocês. Vocês têm de ser meus filhos. Gosto de vocês, e vocês precisam gostar de mim. Não queria punir ninguém. Demonstrem ser garotos de bom coração: nossa escola será uma família e vocês serão meu consolo e meu orgulho. Não lhes peço uma promessa vazia: tenho certeza de que, no fundo do coração, já me disseram que sim. E agradeço a todos.’”

Viagem demasiado verdadeira



Desde o título, *Sardenha como uma infância* deixa claro o olhar especial que Elio Vittorini lançará sobre a ilha italiana. Parece tratar-se de alguém que vê o mundo pela primeira vez, acreditando que o futuro se resumirá àquele presente narrado:

“Poucas vezes fui tão feliz em minha vida. Tão fundo no encantamento de uma realidade que dura. Demasiado verdadeira; com algo a mais que não me deixa pensar que terminará.”

As diferentes paisagens encontradas, que o fazem sentir mais ou menos próximo a casa (vivia então em Florença), e as diversas reações dos moradores locais, que ora recebem os viajantes em festa, ora os expulsam em silêncio, são descritas sempre com extrema sensibilidade. Mais do que relatar o que vê, o autor descreve a forma como é tocado por cada detalhe em particular. Os adornos em branco ou azul das casas de Tempio, ao norte da ilha, por exemplo, parecem-lhe encantadores por lhe permitirem imaginar uma particular forma de vida. “E basta esse ornamento de nada no ar, branco ou celeste, para que uma grande doçura flutue entre as casas”, escreve. “Especialmente se numa sacada, onde certamente mora uma menina, florescer um vasinho de cravo.”

É nesses momentos em que se revela o caráter interior, e não turístico, da viagem, que o livro encontra seu tom e sua beleza. O comentário vem a propósito do nascimento algo prosaico da obra: Vittorini tinha 24 anos quando decidiu juntar-se a um grupo turístico que conheceria toda a Sardenha, com o objetivo de compor, ao final da viagem, um relato em forma de diário para concorrer a um prêmio literário que lhe renderia algum dinheiro. A intenção foi em parte alcançada, já que dividiu a vitória com outro autor.

Sardenha como uma infância
128 páginas - Cosac Naify

A guerra e os afetos da Máfia



Resultado de sete anos de pesquisa – que incluíram a autorização para que o autor frequentasse o mundo da Máfia –, *Honra teu pai* é o produto do olhar que Gay Talese, americano descendente de italianos, lança sobre os imigrantes

italianos e os americanos descendentes de sicilianos. Isso quer dizer que o livro, publicado originalmente em 1971, conjuga o esforço de pesquisa de um jornalista minucioso à sensibilidade de um homem para as relações familiares tal como tradicionalmente se organizavam na Itália. Não se trata, contudo, de mero documento. Para que o retrato objetivo do funcionamento da Máfia italiana nos Estados Unidos se combine ao mergulho nos pensamentos e sentimentos das personagens, Talese convoca as técnicas da narrativa de ficção. Desse tipo de reportagem, chamado jornalismo literário, Talese é um dos mestres: com pleno domínio sobre os recursos literários, sustenta o interesse do leitor com um poder de atração semelhante ao da trilogia cinematográfica *O poderoso chefão*. Os momentos de grande tensão implicados na guerra entre famílias ocorrida em 1960, por exemplo, são narrados sempre sob o ponto de vista do protagonista da cena. Assim, não é a mera sequência de eventos que ganha atenção, e sim tudo aquilo que a ansiedade ou as expectativas das personagens colocam em questão. Essas figuras, embora provindas do mundo do crime, são exploradas de modo a permitir uma identificação por parte do leitor – algo ensaiado desde as primeiras páginas do livro, em que se apresenta uma espécie de álbum da família Bonanno, o centro de interesse de Talese. Nesse ritmo, percorrem-se com excitação as cerca de 500 páginas do livro.

Honra teu pai
512 páginas - Companhia das Letras

*Luisa Destri, jornalista, é mestre em Teoria Literária pela Unicamp

O Bono Vox italiano

O cantor de rock Luciano Ligabue é tão popular na Itália quanto Bono, do U2, é no mundo. E a comparação com o vocalista da banda irlandesa também se dá pela preocupação social do cantor italiano

Por Barbara Ramazzini

Um homem de recordes. O cantor de rock Luciano Ligabue, nascido em Coreggio, na província italiana de Reggio Emilia, colecionou números extravagantes em duas décadas. Seu primeiro disco solo, lançado em 1990, o “Ligabue”, tornou-se um dos álbuns de estreia mais bem-sucedidos da Itália. Depois de três anos, o artista voltou com seu “Sopravvissuti e Sopravvivenzi”, considerado um best-seller do músico. Em 1996, lançou “Buon Compleanno Elvis”, que teve um milhão de cópias vendidas, permaneceu 70 semanas como o melhor disco, na classificação realizada pela Federação da Indústria da Música Italiana. O vídeo da música “Un colpo all’anima”, publicado no ano passado no canal do cantor no YouTube, teve quase dez milhões de visualizações.

Talvez Ligabue ou “Liga”, como é chamado, não tivesse noção em 1987, quando tinha apenas 17 anos, de que aquela sua primeira banda, Ligabue e Orazero, ia ser o primeiro passo para o imenso sucesso que o cantor faria na Itália até hoje. Juntou-se ao empresário Claudio Maioli e, com a ajuda e talento deste, conseguiu emplacar duas músicas de sua autoria em dois álbuns de Pierangelo Bertoli, cantor e poeta italiano ligado a causas libertárias e ambientais. Foi o produtor desses discos, Angelo Carrara, que apostou nas habilidades de Ligabue e decidiu realizar um trabalho só dele, aquele em que estourou em vendas e sucesso como disco de estreia. Estava lançado o destino de Liga como estrela do rock nacional.

Firmou-se como um cantor de rock com ar marrento e como dono de um estilo de música tipicamente nacional, tanto na melodia, utilizando

instrumentos como violino e acordeão, quanto na ambientação de suas letras (seja para uma balada mais romântica, seja para uma música de protesto). A identificação do público foi tamanha, que Ligabue conquistou uma legião de fãs que passou a acompanhá-lo em shows cada vez mais lotados.

Uma forte semelhança do artista com um dos maiores líderes pop do mundo, Bono Vox, vocalista do U2, acabou ganhando corpo por conta de seu envolvimento social. Em 1999, lançou o single “Il mio nome è mai più” com os músicos Jovanotti e Piero Pelù. A letra da canção fala sobre as 52 guerras que estavam ocorrendo no planeta. Os lucros da venda desse disco foram revertidos para a ONG Emergency, que abriu um hospital no Afeganistão e iniciou a construção de outro em Serra Leoa.

Irrequieto, Ligabue não se contentou somente com sua vocação de músico. Em 1997, o cantor se embrenhou no universo literário e publicou o livro *Fuori e dentro il borgo*, uma coletânea de 43 histórias que descreve a vida na província emiliana e é, de certa forma, uma espécie de autobiografia do autor. Liga ganhou o público e a crítica, a qual lhe concedeu dois importantes prêmios pela obra, o Elsa Morante e o Città di Fiesole. Mais tarde, em 2004, lançou a ficção científica *La neve se ne frega*, livro que foi adaptado depois para o formato de história em quadrinhos. Dois anos depois, dedicou-se a poesias em “Lettere d’amore nel frigo”.

Outro desafio lhe foi atribuído em seu percurso de artista, desta vez, no ramo cinematográfico. Liga foi convidado a dirigir um filme baseado em

seu primeiro livro, com o nome de *Radiofreccia*. A película foi apresentada no renomado Festival de Cinema de Veneza e teve grande reconhecimento tanto na Itália, quanto fora do país. Arriscou novamente em 2001, com a comédia dramática *Da zero a dieci*, sem no entanto obter o mesmo sucesso de sua primeira obra.

Apesar de Ligabue explorar outros campos culturais, nunca abandonou o universo da música. Colecionou mais de quinze álbuns, teve uma balada de sua autoria eleita pela revista musical

“Tutto” como a “Canção Italiana da Década de 1990” - a “Certe notti” -, e realizou turnês que bateram recorde de público. O maior show se deu em 2005, na Reggio Emilia, com 180 mil pessoas.

O sucesso como diretor de cinema levou Liga a receber, em 2010, o importante prêmio Vittorio de Sica das mãos do presidente da República Italiana, Giorgio Napolitano. A multidão que aplaude o artista em suas performances é crescente. E pela versatilidade de Liga em agradar ao público, o número de fãs só deve fazer crescer.



Um dos cantores mais populares da Itália é também escritor e diretor de cinema, premiado pelas mãos do presidente italiano

O papa que não consegue obedecer a Deus

Exibido na Mostra de Cinema de São Paulo e ainda sem previsão de estreia no Brasil, novo filme de diretor italiano transforma sumo pontífice em protagonista de comédia

Por Luisa Destri Fotos: Divulgação Cinnamon

Em um de seus mais conhecidos textos, Freud descreveu os “arruinados pelo êxito” – trata-se de um traço talvez mais comum do que nos dedicamos a perceber: diante da conquista de algo por que lutamos durante muito tempo, nos tornamos incapazes de tolerar a nossa própria felicidade (passamos a nos “sabotar”, para usar o termo comumente empregado). Parece ser exatamente essa a situação interpretada pelo ator Michel Piccoli em *Habemus papam*, o novo filme de Nanni Moretti.

A personagem, porém, não é um indivíduo comum, e sim o novo papa, eleito conforme a vontade de

Deus, por meio dos votos dos cardeais – e que por isso mesmo não tem muita liberdade para problematizar as suas questões individuais. Assim, já no argumento do filme, é notável um dos recursos preferidos do diretor: o humor provocado pelo exagero. Qual tarefa pode ser mais extraordinária e penosa a um indivíduo, afinal, do que ter sido eleito por Deus para governar os fiéis de todo o mundo?

Essa divisão experimentada pelo protagonista – entre as suas questões mais íntimas e o significado da função que deve ocupar – será o centro do filme.



No filme, um psicanalista (Nanni Moretti) é convocado para ajudar o novo papa (Michel Piccoli) a superar seu medo de mostrar-se para os fiéis, que aguardam o resultado do conclave na praça São Pedro

Ela é, naturalmente, mesmo no caso de outras personagens, a grande fonte do humor de *Habemus papam* (a expressão latina, tal qual repetida à exaustão pela mídia quando da aclamação de João Paulo II, é proferida para o público na praça de São Pedro quando termina o conclave e o novo papa é eleito).

Que o leitor não se engane, porém. Apesar de os minutos iniciais serem implacavelmente cômicos e de o longa trazer desfechos engraçadíssimos em toda a sua duração, a trama é sensível e lírica – aspecto bastante explorado, aliás, pela brilhante atuação de Piccoli, cujo olhar límpido e assustado sensibiliza com facilidade o espectador. Para dizer tudo, são raros os momentos em que o próprio papa arranca sorrisos da plateia.

Os momentos jocosos ficam a cargo principalmente de Moretti, que interpreta o psicanalista convocado ao Vaticano a fim de “curar” o recém-eleito papa. As sessões, entretanto, não podem ocorrer, visto que assuntos fundamentais como sexualidade, desejos reprimidos, sonhos e lembranças da infância são proibidos, e não é permitido ao papa e seu analista o conforto de uma sala vazia ou de uma conversa sigilosa.

A julgar pelo humor despertado pelo psicanalista, as lições de Freud tornam-se desacreditadas. (Nesse ponto, o leitor deve questionar este texto, já que desde o início se discute o filme a partir da psicanálise. Que não se desconsidere, porém, a frequência com que somos acometidos pela sensação de fracasso diante do êxito, nem o fato de a carreira religiosa ter como possibilidade máxima o cargo de papa.) Mais do que isso, porém, o filme transporta o divã para o ambiente da cidade. Em vez das assim chamadas “associações livres”, que permitiriam ao analista encontrar a origem do problema do papa, desenrolam-se ações efetivas. O protagonista será movido pelo desejo de recordar como é a vida normal e de se lembrar dos sonhos que deixou para trás – como o de atuar no teatro, por exemplo.

Na escapada do papa para a vida real, o diretor tem a oportunidade de dar vazão a outra de suas recorrentes paixões: as imagens de Roma. Para além das cenas no Vaticano (construído em estúdio) e do conclave realizado na Capela Sistina, em *Habemus papam* as principais tomadas externas ou são noturnas ou se concentram nas pessoas que vivem a cidade – diferentemente do



Campeonato de vôlei organizado pelo psicanalista (Nanni Moretti) enquanto cardeais aguardam melhoras do papa

que ocorria em *Caro diário* (1993), um dos melhores filmes do diretor, cujos 20 minutos iniciais acompanham Moretti, dessa vez no papel de protagonista, em um passeio de lambreta para admirar a arquitetura da capital italiana.

Na coletiva de imprensa em Cannes, festival em que o filme foi apresentado, Moretti disse ter atendido ao desejo de contar o “meu Vaticano, com meu papa, com meus cardeais”. A ideia era fugir das expectativas mais comuns relacionadas à Igreja Católica: “Tantas pessoas foram ver o filme esperando saber o que já sabiam. E esse seria um bom motivo para não fazer um filme”, afirmou o diretor.

É de fato pouco provável que, no caso de *Habemus papam*, o espectador assista a algo que já saiba. Até porque as situações encenadas são tão inusitadas, que se tornam pouco plausíveis. Mas esse é também um recurso humorístico, e o que mais surpreende é a sensação deixada pelo filme: se o riso e a ironia ameaçam corroer tudo, não deixando nada em pé – a Igreja Católica, a psicanálise, a mídia –, o filme tem mais fé do que seria de se esperar.

Nada muito estranho à obra de Moretti, afinal. Existe a austeridade das instituições e dos homens que lutam por zelá-las. Mas existem também a poesia da vida comum, timidamente revelada, a poesia da própria arte, sempre disposta a se superar, e a poesia do percurso de busca por si mesmo.

“Há uma coisa que eu gosto de fazer acima de tudo”, dizia Moretti no início de *Caro diário*. Trata-se de buscar essas poesias, como *Habemus papam* vem mais uma vez revelar.



Colégio Dante Alighieri:



há 100 anos construindo o futuro.

GRAPPA



Um século de educação, ensino e italianidade.

:: Educação Infantil :: Ensino Fundamental I e II
:: Ensino Médio :: Atividades extracurriculares



(11) 3179-4400 / www.colegiodante.com.br

Embarque nesta viagem à Itália

Para comemorar o aniversário dos 150 anos da Unificação Italiana, o Momento Itália-Brasil promove cerca de 500 eventos em 11 cidades entre outubro de 2011 e junho de 2012

Por Nathalia Garcia

Rafaela Feliciano

A viagem que promete fortalecer ainda mais os laços de amizade entre Itália e Brasil já começou. Foi com essa descrição que o diretor do Instituto Italiano di Cultura de São Paulo (IIC), Attilio De Gasperis, apresentou o Momento Itália-Brasil (MIB) em solenidade ocorrida no dia 13 de outubro, em São Paulo. São cerca de 500 eventos previstos para o período entre outubro de 2011 e junho de 2012, em 11 cidades brasileiras. “Gosto da definição do Momento como uma viagem, que vem da Itália para o Brasil, como foi a chegada dos imigrantes. Uma viagem no tempo, da antiga Roma à história recente”, afirmou. A data para a realização da iniciativa foi cuidadosamente escolhida. Promovida pelos governos italiano e brasileiro e pela Embaixada da Itália em Brasília, em parceria com instituições culturais, a manifestação visa celebrar os aniversários dos 150 anos da Unificação Italiana, dos 130 anos da imigração ao Brasil e o centenário de três instituições tradicionais: o Colégio Dante Alighieri, o Circolo Italiano e o Theatro Municipal. E como música não podia faltar nas comemorações, o Momento Itália-Brasil ganhou trilha-sonora própria. A canção “Sampa-Milano”, composta por Gilberto Gil, e interpretada por ele e pela italiana Simona Molinari, vai embalar as festividades. “Vamos falar de arte, de cultura, de música, de design, de moda, mas também de gastronomia e das festas tradicionais. Todas as coisas que Itália e Brasil criaram e gostam muito”, revelou o embaixador da Itália no Brasil, Gherardo La Francesca.



Um encontro de culturas: começou o Momento Itália-Brasil, evento promovido pelos governos dos dois países e pela Embaixada Italiana em Brasília, com a parceria de instituições culturais

O primeiro grande evento aconteceu no Rio de Janeiro, no dia 15 de outubro. Cerca de 5 mil pessoas assistiram ao espetáculo “Ensaio sobre a Beleza”, do artista italiano Valerio Festi, na Cinelândia. A forte chuva não impediu que o público contemplasse belas coreografias aéreas e de solo feitas por mais de 150 artistas – entre acrobatas, bailarinos e atores – para representar a história que uniu os dois países. Já em São Paulo, o ponto de partida foi um concerto do Quarteto Osesp, na Sala São Paulo. Ainda no dia 16 de outubro, a cidade paulista inaugurou a mostra “DNA Italiano”, no Conjunto Nacional, na qual exibe fotografias de 36 personalidades da cidade com fortes vínculos com o país europeu. O senador Eduardo Suplicy foi um dos escolhidos para o retrato da comunidade ítalo-brasileira, e exaltou a importância da cultura italiana em sua formação pessoal: “Na Itália, apren-

di o gosto pela beleza, pela arte e pela busca da verdade. Com os cientistas da história da humanidade – como Galileu Galilei e Leonardo da Vinci –, aprendi o quão importante é a busca da verdade para nós podermos alcançar a justiça e, então, realizar a paz.” O esporte também ganhou espaço na festividade com o passeio ciclístico “Pedalando Bicicletas da Lombardia”. A largada aconteceu no Parque do Povo, e a prova terminou no Parque do Ibirapuera. Depois de 4 km, os participantes foram recepcionados em um espaço temático, onde participaram de um workshop sobre as bicicletas e os roteiros italianos para o cicloturismo.

Outro ponto alto no primeiro dia de comemorações foi a viagem-teste “Conheça a Itália sem sair de São Paulo”, com saída do Colégio Dante Alighieri somente para convidados. O *city tour* será aberto ao público em março de 2012 e mostrará importantes marcos da presença italiana na capital paulista, em que se destacam o Monumento às Bandeiras, de Victor Brecheret, a Igreja Nossa Senhora de Achirópita, no bairro do Bexiga, o Monumento Glória Imortal aos fundadores de São Paulo, no Pátio do Colégio, de Amadeu Zani, entre muitos outros pontos turísticos. O passeio contará com oito micro-ônibus de 16 lugares, que percorrerão quatro diferentes roteiros aos domingos, das 9 às 18 horas. O ingresso custará R\$ 30 e vai in-

cluir almoço em um dos 30 restaurantes com o selo *Ospitalità Italiana*.

Um evento que tem dado o que falar é a exposição “Roma - A vida e os imperadores”, que chega a São Paulo apenas no dia 25 de janeiro de 2012, dia do aniversário da cidade. De acordo com o cônsul-geral da Itália, Mauro Marsili, o Masp receberá “a maior mostra da Roma Imperial feita no exterior”. Ninguém tem dúvida de que a programação do Momento Itália-Brasil é vasta, visto que contempla exposições de Leonardo da Vinci, Modigliani, Caravaggio e De Chirico, concertos e óperas de Verdi, peças de Pirandello, balé com o Teatro alla Scala e cinema com a “Homenagem a Pier Paolo Pasolini”, dedicada ao cineasta italiano no Museu da Imagem e do Som (MIS). O calendário ainda não está totalmente definido, mas já bastante encaminhado. “O programa ainda não está fechado porque somos italianos e somos brasileiros. Somos criativos”, brinca o diretor Attilio De Gasperis.

Entre tantos eventos e planos, a expectativa é grande entre os idealizadores do Momento Itália-Brasil. “A gente fica muito otimista com a adesão dos amigos brasileiros. As instituições, os museus, os teatros, as universidades responderam com grande entusiasmo, e a nossa expectativa é que vai ser um sucesso”, projetou De Gasperis. O cônsul Mauro Marsili também está confiante e acredita que “o

“Ensaio sobre a Beleza”, espetáculo do artista italiano Valério Festi (na foto), abriu as comemorações no Rio de Janeiro, com um público de cerca de 5 mil pessoas sob chuva na Cinelândia

Rafaela Feliciano



projeto completo levará a Itália para dentro do coração dos paulistas e dos paulistanos”. De acordo com ele, o objetivo é fazer a Itália ser conhecida por todos os brasileiros. “A Itália tem um grande passado e uma grande história, mas tem também um grande presente”, considerou.

Em referência à história, o diretor do IIC destaca a importância da imigração no desenvolvimento dos dois países. “O Momento tem um significado especial porque a gente não vai falar apenas sobre o patrimônio e a herança cultural italiana. Vai falar também do que a Itália fez nesses anos de imigração. A maior imigração italiana no mundo foi ao Brasil”, disse Attilio De Gasperis. Com a crise econômica na Europa, mais de 1,5 milhão de imigrantes italianos chegaram ao país entre 1836 e 1947 em busca de um emprego e de uma vida melhor. Atualmente, o Brasil tem em torno de 30 milhões de descendentes de italianos, e essa marcante presença é considerada pelo cônsul como a chave mestra para a realização do MIB. Durante a apresentação da iniciativa, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, lembrou o grande empresário Ciccillo Matarazzo com a frase: “O Brasil é filho de Portugal, mas São Paulo é filha da Itália.” E o político ainda foi mais além: “Para nós, paulistas, o Momento Itália-Brasil é todo dia, tal é a presença italiana em São Paulo. Não há domingo sem macarronada ou sem pizza, até o tchau é italiano”, discorreu. A magnitude da presença italiana no Brasil também chama a atenção do diretor De



Divulgação

O embaixador da Itália no Brasil, Gherardo La Francesca, com a atriz Christiane Torloni no espetáculo inaugural do Momento Itália-Brasil no Rio de Janeiro



Divulgação

Até uma pedalada foi promovida para celebrar o MIB: os participantes, entre os quais o Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente, Eduardo Jorge, saíram do Parque do Povo e chegaram ao Parque Ibirapuera

Gasperis, que aproveitou as palavras do embaixador para expressar sua visão. “La Francesca disse muitas vezes que este vai ser somente um começo porque o verdadeiro Momento Itália-Brasil é depois do fim desta manifestação. São os resultados com que, repito, cada governo, cada prefeitura, cada instituição, ou mesmo o Colégio Dante Alighieri, poderá perceber quantos mais laços ainda existem”, disse.

A aproximação entre Itália e Brasil promete não se dar apenas no campo cultural. O interesse do setor empresarial e o fluxo de investimentos são bastante promissores ao final dessa empreitada. “Vejo muita oportunidade de negócios e de investimentos. A Itália tem uma experiência de micro e pequenas empresas muito expressiva, podemos ter uma complementação econômica cada vez maior”, avaliou Alckmin. Em sua programação, o MIB inclui seminários, workshops e feiras de exposições de vários setores – tecnologia, moda, design, setor automotivo, aeroespacial, mecânico, sustentabilidade, entre outros.

Durante nove meses de intensa atividade, o Momento Itália-Brasil promete estreitar as relações e dar vida aos laços de amizade e de troca entre as duas nações. O objetivo é enriquecer e expandir ainda mais esse vínculo entre brasileiros e italianos. O sonho é ambicioso e as expectativas, promissoras. “Os eventos estão começando. Bom divertimento e boa viagem”, deseja o cônsul Mauro Marsili.



Gilmar Ferreira da Silva

O governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, e o diretor do Instituto Italiano di Cultura, Attilio De Gasperis, no lançamento do Momento Itália-Brasil em São Paulo

Programação de São Paulo - 2011

Dezembro

08/12 a 18/12 – “Rugby para todos, Brasil-Itália”
14/12 – Circolo Italiano – Concerto de Natal
15/12 – Terraço Itália – Entrega do Prêmio da 7.^a Semana do Cinema Italiano
17/12 – Shopping Pátio Higienópolis – Mostra Fotográfica: Patrimônios Italianos da Unesco
18/12 – Sala São Paulo – Concerto: “Trilhas do Cinema Italiano”, com a Orquestra Sinfônica Brasileira

Janeiro

Programação a definir.

Fevereiro

Mostra “A viagem da língua italiana no Brasil” – Museu da Língua Portuguesa

Março

Mostra “Pupazzi con rabbia e sentimento” – local e data a definir
23/03 – Espetáculo “Anita dei due mondi” – Teatro Faap
Ópera “L’elisir d’amore” – local e data a definir

“Italiana antes de mais nada”

Nascida em uma colônia italiana na África e emigrada para o Brasil, Marina Colasanti não deixa para trás as raízes de sua pátria

Por Laura Folgueira Fotos: arquivo pessoal Marina Colasanti

Esqueça o clichê, porque desta vez é verdade: a vida de Marina Colasanti daria um filme. Mas não deu: deu um livro, já que é esta a arte dessa italiana que nasceu na Eritreia, viveu na Itália em meio à guerra – com todos os percalços que se

poderia esperar, desde conviver com bombardeios até o racionamento de comida – e passou parte da infância e adolescência morando no histórico e cênico Parque Lage, no Rio de Janeiro, um palácio que hoje é ponto turístico da cidade.



A escritora de origem italiana viveu na África e passou pelas dificuldades da guerra antes de se instalar definitivamente no Brasil

Mas vamos começar pelo começo: Lisetta e Manfredo, os pais de Marina, casaram-se em uma montanha em meio a tropas de guerra e metralhadoras – era 1935, e Manfredo fazia parte dos camisas-negras. Assim, voluntário nas guerras coloniais de seu país, foi parar na Eritreia, deixando a mulher grávida. Mais tarde, iriam todos morar na cidade africana, mais especificamente na capital, Asmara, cidade natal de Marina.

“Isso de ser abissínia vem me exigindo explicações vida afora. (...) Durante a maior parte da minha vida fui etíope. Italiana de família, registro e identidade, de olhar e de cultura, italiana antes de mais nada. Mas, além de italiana, etíope (...)”, escreve Marina em *Minha guerra alheia*, suas memórias publicadas em 2010.

“Meu pai, tendo ido fazer as guerras coloniais, havia se enamorado da África. Não foi uma estadia eventual, pretendíamos ficar, compramos casa. Cerca de um ano e meio depois de chegarmos a Asmara, meu pai foi transferido, e moramos em Trípoli. Mas, com o início da Segunda Grande Guerra, tivemos que regressar à Itália”, explica Marina. Voltando à Itália, enquanto o pai continuava a guerrear na África, a família (agora composta por Lisetta e três filhos – um deles com síndrome de Down) morou em hotéis em Roma e, por mais tempo, na pequeníssima cidade litorânea de Porto San Giorgio. Depois, ainda se mudariam para Albavilla e Como.

Admitidamente, tantos deslocamentos, ainda que em uma idade tão tenra, moldaram a personalidade de Marina. “Não sei como eu seria se tivesse vivido sempre no mesmo lugar, mas é certo que os constantes deslocamentos fizeram de mim uma pessoa adaptável, curiosa, interessada em tudo aquilo que é diferente. Gosto de estar em trânsito, me sinto maravilhosamente bem em aeroportos. Arrastar uma mala com rodinhas é para mim um dos grandes prazeres da vida.” Vale dizer que esse gosto pela vida em trânsito reflete-se, hoje, em sua produção literária, que se dá em diferentes gêneros – conto, crônica, romance, ensaio, livro infantil e até minicontos. “Trabalhar em gêneros diferentes me permite fazer e desfazer minha mala criativa, mudar-me de uma casa a outra, de um universo a outro, de uma a outra estrutura narrativa. Jamais me entedio. Jamais sofro por falta de inspiração. Há sempre uma ideia, uma história, um projeto literário à frente. E isso é muito estimulante.”



Com o marido, Affonso, na casa que os dois têm em Friburgo, serra fluminense

Brasileira-Italiana

E, como havia de ser na história de Marina, os deslocamentos continuariam. Em 1948, com 11 anos, Marina se viu em uma cidade que havia de parecer ainda mais diferente do que a antiga colônia italiana na África: o Rio de Janeiro. Instalada aqui por vontade do pai – que, novamente, se apaixonara por uma cidade estrangeira –, a família se mudou para o Parque Lage, palácio histórico com mais de 50 hectares localizado no Jardim Botânico e que, hoje, é famoso ponto turístico. À época, a casa pertencia à sua tia-avó, a cantora lírica italiana Gabriela Bezanconi (esposa de Henrique Lage, o herdeiro oficial da propriedade).



Um dos maiores prazeres de Marina é fazer as malas e partir para novos destinos. Na foto, ela em Pequim, China

Mas, para a jovem Marina, viver naquele local era “certamente muito mais familiar do que seria se eu tivesse nascido no Brasil. A mansão é de arquitetura absolutamente italiana, uma vila construída para que minha tia-avó se sentisse bem, como se em seu próprio país. Uma vila como outras que eu havia frequentado na Itália.”

A mudança para um país tropical – especialmente em uma casa que continha não apenas jardins, mas um parque – foi notável na infância de Marina. “Embora os jardins fossem também muito italianos, a mata que os rodeava era tropical, mata atlântica em todo o seu esplendor. Ela, sim, me encantou. Com meu irmão brinquei muito de Tarzan e de Bandeirantes naquela mata”, relembra a escritora.

A relação de Marina Colasanti com seu país de origem, porém, continuou forte como sempre, vínculo que acabou se estendendo aos membros da família. Os filhos de Marina com o escritor Affonso Romano Sant’anna, por exemplo, foram com os pais conhecer o hotel em que ela morara, em tempos remotos, em Porto San Giorgio. “Minha relação com o país é muito mais do que lembranças. Lá está minha identidade primeira, lá se fala minha língua materna, lá se come a comida

do meu paladar. Houve períodos, enquanto tive família em Roma, em que ia à Itália quase todos os anos. Para mim, é sempre voltar para casa.”

Das artes plásticas à literatura

Escritora, jornalista e casada com outro escritor – à primeira vista, é de se esperar que toda a história de Marina esteja ligada à arte das palavras. Mas houve tempo em que ela nem considerou se tornar escritora. Até meados dos anos 1950, sua carreira artística voltava-se para outro tipo de arte: as artes plásticas.

Os estudos de pintura começaram cedo, quando Marina ainda era adolescente. “Venho de uma família ligada à arte, de um país transbordante de arte. Era previsível que, na hora de fazer faculdade, escolhesse Belas Artes”. E assim foi. Com 21 anos, ela já participava de mostras e salões, como o III Salão de Arte Moderna.

Como veio, então, o trabalho com as palavras? A agora escritora explica: “Deslizei para o jornalismo sem intenção de abandonar completamente as artes plásticas – e no fim das contas não abandonei [Marina continua ilustrando as capas de seus livros e suas histórias infantis]. Queria ganhar a vida, ser independente. Mas na redação logo se descobriu

que eu tinha bom texto, comecei a assinar matérias, e me puseram para escrever crônica.”

A carreira no jornalismo foi longa e profícua, passando por veículos como *Jornal do Brasil* e as revistas *Cláudia*, *Nova* – da qual foi editora de comportamento – e *Manchete* – para a qual produzia crônicas –, além de programas diversos de televisão, como apresentadora, cronista e editora. “Já tendo a mão feita [no jornalismo], e o aval de público, foi decorrência natural passar a escrever para mim mesma”, diz.

Desde o primeiro livro (*Eu sozinha*), publicado em 1968, vieram mais de quarenta obras, nos mais diversos gêneros – inclusive aqueles que mantêm relação estreita com o jornalismo. Marina acredita, dessa forma, poder haver uma proximidade entre o texto jornalístico e o texto literário. “Depende do autor e da sua proposta. O texto jornalístico pode ser apenas factual. Mas o bom articulista ou o bom repórter, que lida com

fatos, pode ter um texto brilhante, próximo do literário. Podemos dizer que a crônica é, como gênero, uma ponte entre as duas coisas. Eu própria já editei vários livros com as minhas crônicas, e os textos que escrevi como editora de comportamento me renderam quatro livros.”

E, trabalhando com gêneros tão diversos, o processo criativo de Marina muda, como revela a escritora. “Varia de acordo com aquilo que quero escrever. O nascedouro de um poema não é o mesmo de um ensaio. E se não trabalho com pesquisa quando escrevo contos de fadas, posso recorrer a ela para arredondar certos contos de ficção”, conta. “Já quanto ao estilo, não cabe a mim dizer se o tenho ou não, e sim aos leitores e aos críticos. O que posso dizer é que o melhor estilo é aquele que não se fabrica, que se tem e que se aprimora. Estilo, como já foi dito, tem o gato.”



Na redação do *Jornal do Brasil*, nos anos 60. Marina se reconheceu como escritora durante a experiência jornalística

Fábula para Adalberto

Por Itamar Cardin Ilustração: Milton Costa

O pequeno Pin é um desses renegados clássicos. Viveu parte da infância com a irmã, a Morena do Beco, famigerada prostituta de uma pequena cidade italiana. Era escorraçado pelo patrão, um sapateiro que passava boa parte do tempo na cadeia. É, ignorado pelas crianças de sua idade, jamais obtinha o respeito dos adultos.

Pin foi durante certo tempo rejeitado até mesmo por seu criador, o escritor italiano Italo Calvino. Antes de se tornar nome consagrado da literatura mundial com suas fábulas delirantes e inventivas, em livros como *As cidades invisíveis* e *O cavaleiro inexistente*, Calvino escreveu, com 23 anos, uma peculiar obra neorrealista, *A trilha dos ninhos de aranha*, ainda sob os ecos da Segunda Guerra Mundial.

Militante de esquerda e ex-integrante dos *partigiani*, grupo de resistência a fascistas e nazistas na Itália, o escritor italiano faz aqui um livro direto e engajado, de forte teor político. Porém, ao consagrar-se como fabulista, ele renegou sua primeira obra. Somente anos depois tomou coragem para relê-la e finalmente aprová-la.

Difícil dizer, entretanto, que esse livro em nada se assemelhe com suas demais obras. Se as aventuras de Pin são traçadas pelos subúrbios, pelas prisões fascistas e pelas guerrilhas *partigiani*, em um cenário tenso e miserável que é tecido detalhadamente, fio a fio, essa violência acaba minimizada pelo ponto de vista infantil do menino, como se a própria guerra fosse uma grande fantasia.

E o próprio Pin é um personagem fabuloso. Vive enclausurado em uma atmosfera belicosa

que quase não lhe deixa escapes. Tenta refugiar-se em sonhos e no meio da mata, em um secreto e mágico lugar onde as aranhas fazem ninho. Anda armado com um humor grosseiro, cortante, pronto para estocar quem o desafie. E luta contra um mordaz sentimento: odeia profundamente os adultos, ao mesmo tempo que tenta conquistá-los.

A imagem de Pin me veio à mente dia desses, enquanto lia o jornal e me deparava com manchetes catastróficas sobre a – eterna – crise financeira global, sobre o cheiro podre que emanava dos mortos na Líbia e até mesmo sobre o descarrilamento do agradável e inofensivo bondinho de Santa Tereza, no Rio de Janeiro. Uma ideia me surgiu: se Italo Calvino tivesse 23 anos hoje, como seria o seu pequeno rejeitado?

Diversas hipóteses ocorreram em seguida. Pensei primeiro em uma criança moldada pelos recentes protestos londrinos, realizando pequenos furtos para comprar produtos eletrônicos. Depois, seguindo mais a tônica do livro, imaginei um menino amigo de sindicalistas italianos, protestando contra o governo Silvio Berlusconi. E, por fim, desenhei um Pin abrasileirado: ocupando as arquibancadas do estádio San Siro e gritando pelo Milan, presidido pelo mesmo Berlusconi.

Até que outra lembrança se misturou ao devaneio. Vagava em um ônibus semanas atrás, quando um menino se sentou ao meu lado – já o havia notado minutos antes ao vê-lo passar por debaixo da catraca. Era raquítico, tinha cabelo raspado, camiseta puída. E aferrou os olhos no jornal que eu mantinha aberto.



Tentei puxar assunto, ele se esquivou, olhou para o lado, olhou novamente o jornal e se esquivou mais uma vez, até eu apontar uma foto da Dilma. Ele reagiu: mostrou outro rosto na página aberta e disse “esse é o Geraldo (Alckmin)”. Menos desconfiado, o menino iniciou uma conversa franca. Disse que não gostava de políticos, “somente de alguns do PT”.

Em seguida, comentou que torcia para o São Paulo e que era craque no futebol – atacante com faro de gol –, embora os amigos donos da bola não o deixassem jogar sempre. Feita a confissão, ele olhou pensativo para a rua. Pareceu tomar uma decisão e me contou seus dois maiores sonhos: ganhar uma camisa do próprio São Paulo e uma bola, para jogar futebol sempre que quisesse.

Então seu semblante mudou. Quase inaudível, ele sussurrou que sua mãe estava internada havia meses no hospital, muito doente, e

que não tinha dinheiro necessário nem para comer – morava com os irmãos e a madrinha. Explicou que sentia muita saudade da mãe e um choro incontido, rebelde, destrancou seu peito endurecido. Antes de tocar a campainha e pular do ônibus minutos depois, ele fez uma última revelação: “Eu me chamo Adalberto”.

E se Italo Calvino tivesse 23 anos hoje, volto a pensar. Não seria Adalberto o seu personagem perfeito? E me pego a imaginar um fim apoteótico, imperfeitamente romântico, para o seu livro meio neorrealista, meio fabuloso: é decisão de campeonato e o menino vai dominar a bola no meio-campo, avançar de cabeça erguida, passar costurando por três marcadores e, de fora da área, vai acertar um desses petardos fulminantes, no canto, destrancando não mais um choro rebelde, mas um redentor grito de gol preso na sua garganta, e enlouquecendo milhares de torcedores presentes no seu sonhado Morumbi.

O vermelho de Lina Bo Bardi

Detalhes da arquiteta modernista ítalo-brasileira

Por Lia Coldibelli Colorista: Tadeu Carraca

Os anos 50 são marcados pela inovação arquitetônica, e é pouco antes disso que Lina Bo Bardi chega ao Brasil, em 1946. A arquiteta modernista nasceu em Roma, em 1914, e, por conta da recessão causada pela II Guerra Mundial na Itália, imigrou com o marido, o jornalista Pietro Maria Bardi. Entre as obras mais famosas de Lina Bo Bardi em São Paulo, estão o Masp, Museu

de Arte de São Paulo, o Sesc Pompeia e a Casa de Vidro, no Morumbi - antiga moradia do casal, que hoje abriga um instituto dedicado à preservação de sua história. As três obras são marcadas pelo uso da cor vermelha e é esse detalhe que está em foco neste ensaio fotográfico.





Lina Bo Bardi manteve a estrutura da antiga fábrica de tambores para a construção do que hoje é o Sesc Pompeia, um dos principais centros culturais de São Paulo. Para que o terreno comportasse o projeto do Sesc mantendo a antiga edificação, foi necessária a construção de duas torres, que hoje rendem boas imagens a olhares sem vício.

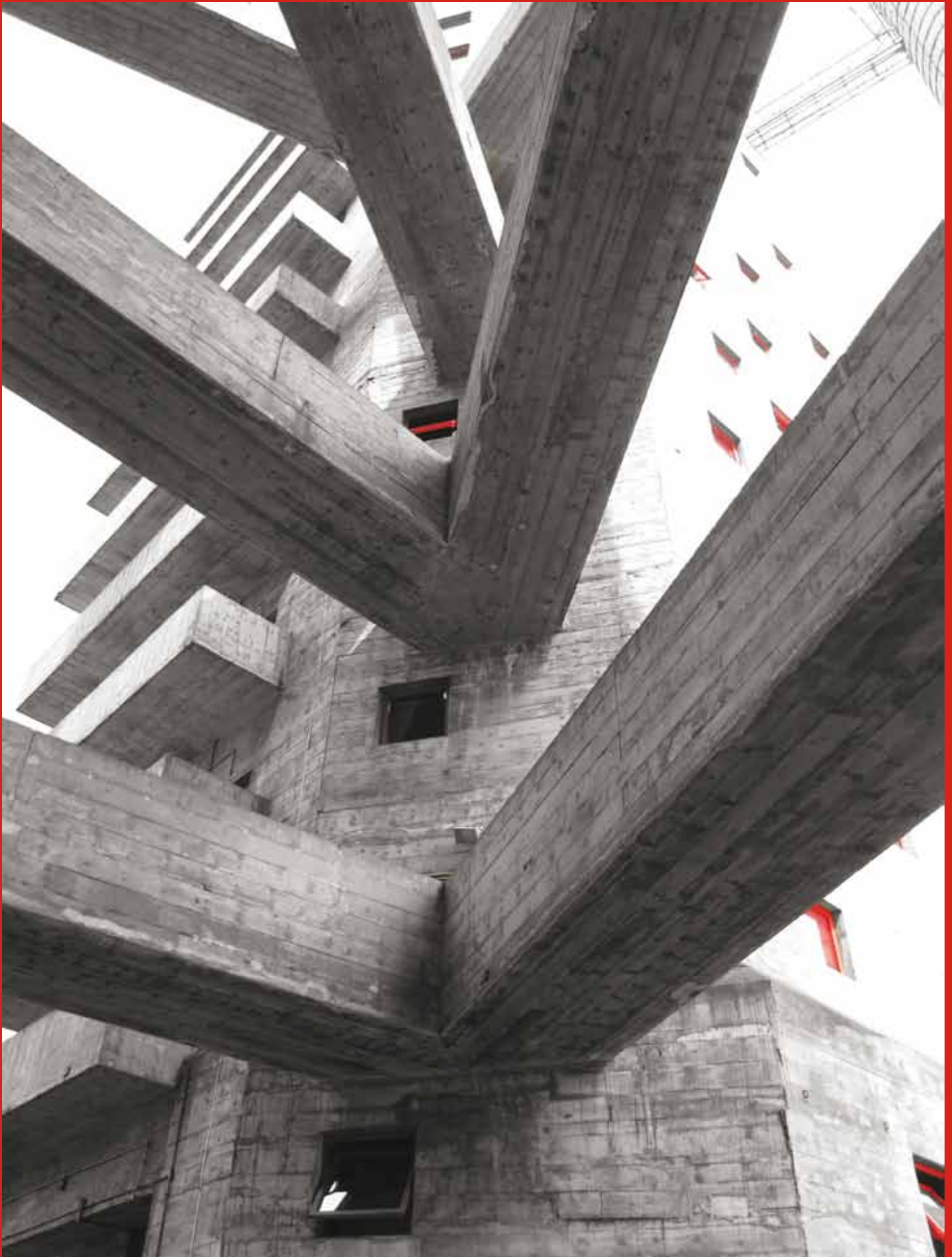
A Casa de Vidro foi uma das primeiras construções do bairro do Morumbi, na zona sul de São Paulo. Ela foi idealizada para ser a morada do casal Bo Bardi e ficou pronta em 1951. Todos os cômodos privilegiam a vista para a mata, mantida até hoje.





O prédio ousado foi projetado sobre duas colunas a fim de preservar a vista da Avenida Paulista sobre a região central. O projeto original previa que os pilares fossem pintados de vermelho, mas o Masp só ganhou a cor em 1990, 22 anos após a sua inauguração.





Variedade e boa mesa

Por **Silvia Percussi** Fotos: **Tadeu Brunelli**

Região de destacada biodiversidade, o Abruzzo apresenta uma realidade de escolhas a favor do meio ambiente, tornando possível a coexistência de um extraordinário patrimônio natural e a presença constante, dinâmica e não destrutiva do homem.

Quem se senta à mesa no Abruzzo se alimenta bem e com muito prazer. A paisagem aparece como um *flash* durante a degustação, já que é reproduzida nas preparações gastronômicas de acordo com as matérias-primas fornecidas pelo mar e pelos pastos, presentes nas cidadelas montanhosas de incríveis pôr do sol.

A região conserva o próprio patrimônio gastronômico, sobretudo nas casas, onde cotidianamente são preparados pratos puristas sem influências da nova cozinha. Não há nada de exótico, como poderíamos classificar um risoto nórdico ou uma lasanha emiliana. Mas sim arroz desenformado, especialmente nas casas mais próximas à tradição napolitana, ou, quando muito, um *timballo* (semelhante a um bolo) de arroz com ragu, e à scamorza (tipo de queijo), mas nunca à bechamel (molho branco).

O Abruzzo é terra de hábeis donas de casa, da cultura da boa mesa, de grandes cozinheiros, aqueles da *Escola di Villa Santa Maria*, que formaram grandes nomes da gastronomia internacional. A exclusividade também se aplica à

gama de produtos, todos excelentes, mas difíceis de repor e com produção muito limitada.

Impossível não se lembrar dos queijos (o pecorino di Farindola, cujo uso já era sugerido pelo gastrônomo romano Apício), dos embutidos (como a mortadella di Campotosto, o presunto da Majella), dos azeites, das carnes ovinas, do peixe (de rio e de mar), do açafraão, das trufas e dos vinhos (reconhecidos em nível internacional). Os produtos e a cozinha refletem plenamente a variedade desse território.

“O Abruzzo é terra de hábeis donas de casa, da cultura da boa mesa, de grandes cozinheiros, aqueles da Escola di Villa Santa Maria, que formaram grandes nomes da gastronomia internacional.”

Portanto, são tantas as cozinhas ali como o são os Abruzzos: há aquela de mar, com seus caldos e preparações simples e fáceis, mas muito saborosos, aquelas de terra, de montanha, com ingredientes específicos e elaborações lentas e meticulosas (o ragu e os assados, por exemplo), e uma *pasticceria* pouco conhecida, mas que revela grandes surpresas.

A cozinha do Abruzzo, em muitas preparações, pegou influências dos pastores. Quando chegava o outono, eles migravam com milhares de ovelhas para locais míticos, encontravam-se com os pastores da Puglia, do Lazio e da Sardenha. Além de conversarem entre amigos errantes, trocavam produtos, receitas e técnicas de cozinha. Cada um deles retornava para sua casa levando alguma ideia nova, fosse para a cozinha de todos os dias, fosse para o preparo de dias de festa.

Polpette di caccio e uova (bolinhas de queijo caprino e ovos)

INGREDIENTES

250 g de queijo tipo caprino
250 g de miolo de pão molhado no leite e espremido
½ copo de leite
½ xícara de salsinha picada
100 g de pecorino ralado
2 dentes de alho
4 ovos
½ copo de azeite
200 g de farinha de rosca
sal e pimenta

MODO DE PREPARO

Processe o queijo de cabra, o miolo de pão, o alho, a salsinha, os ovos e o pecorino ralado até atingir um ponto de pasta. Tempere com o sal e a pimenta. Faça bolinhas da mistura com as mãos e passe-as na farinha de rosca. Leve o azeite à temperatura bem alta e frite as bolinhas de queijo. Quando dourarem, retire da panela e deixe escorrer em papel absorvente. Tempere com sal e sirva.



Ragu clássico de Abruzzo

INGREDIENTES

800 g de carneiro
100 g de bacon
100 ml de vinho tinto
um raminho de alecrim
60 ml de azeite extra virgem
1 kg de tomate
pelado, picado
1 cebola
sal e pimenta preta

MODO DE PREPARO

Pique a cebola, o bacon e o alecrim. Coloque-os em uma panela de barro com azeite.

Aqueça e acrescente os pedaços de carne. Refogue-os bem e, em seguida, despeje o vinho tinto. Deixe ferver e adicione o tomate picado. Continue cozinhando em fogo muito baixo por aproximadamente 2 horas até que o molho fique espesso. Tempere com sal e pimenta. Sirva com a massa de sua preferência.



Pan ducale

INGREDIENTES

6 ovos
250 g de açúcar
200 g de farinha de trigo
100 g de amêndoas picadas
100 g de frutas cristalizadas
100 g de chocolate meio
amargo de cobertura
picado com uma faca
1 pitada de canela
1 colher de sopa de fermento
casca de limão

MODO DE PREPARO

Aqueça o forno a 180°C. Pique as amêndoas com a pele e coloque-as em um recipiente com duas colheres de sopa de açúcar.

Reserve. Separe as gemas das claras dos ovos. Bata as gemas com o açúcar restante até dobrar de volume e ficar bem claro. Junte então a farinha peneirada, o fermento, as amêndoas açucaradas, o chocolate, as frutas cristalizadas, as raspas de limão e a canela. Quando estiver tudo bem amalgamado, junte aos poucos as claras, em neve. Coloque a mistura em uma forma de bolo inglês untada e enfarinhada, e leve ao forno para assar por 1 hora e 15 minutos. Durante a primeira meia hora, mantenha o forno a 180°C. No restante do tempo, reduza a temperatura para 160°C.





Saborosa e boa para a memória

Por **Silvia Percussi** Foto: **Tadeu Brunelli**

Com o fim de ano e as provas (inclusive as dos vestibulares) chegando, que tal dar uma calibrada na sua memória? A maçã, que tradicionalmente é oferecida como gentileza aos professores, pode ajudar. Isso porque ela contém fisetina, substância que, segundo a neurobióloga Pamela Maher, líder no estudo da substância pelo Instituto Salk, na Califórnia, “estimula a formação de conexões

neurônais novas e muito mais fortes, o que é importantíssimo para a memorização”. E se você não gostar de maçã? Bom, a fisetina também pode ser encontrada em outras frutas, como no morango, no pêssego, na uva, no kiwi, no tomate. E na cebola também. Mas eu insisto na maçã: faça a receita abaixo, a mesma da torta que é um sucesso na Vinheria Percussi, e veja se você muda de ideia!

Torta de maçãs

INGREDIENTES

12 maçãs descascadas e passadas no ralador tipo batatas chips
1 e ½ xícara de farinha de trigo
1 e ½ xícara de açúcar
1 xícara quase cheia (faltando dois dedos para encher) de manteiga
canela a gosto
uma pitada de sal
água para pulverizar

MODO DE PREPARO

Em um pirex, coloque as maçãs e pulverize-as com água. Coloque uma pitada de sal e um pouco de canela. Mexa com as mãos, em um recipiente, a farinha, o açúcar e a manteiga. Coloque a mistura sobre as maçãs e leve ao forno a 180°C por 30 minutos.



Uma natureza protegida

Cerca de 30% do território de Abruzzo é área de proteção ambiental. Mas, além dos vastos parques, o turista pode explorar as belas praias do centro da península

Por Edoardo Coen Imagens: Fototeca Enit

O Parco Nazionale d'Abruzzo é um dos três presentes na região, famosa pela grande área de proteção ambiental



Oturista que tem nos acompanhado em nossas viagens pelas regiões italianas deve ter percebido que, em cada localidade visitada, subsistem facetas peculiares que conservam, como uma herança genética, um resíduo das tradições, características e costumes dos diferentes povos que, no decorrer de uma história milenar, se sucederam em seu território.

A Itália em seu todo, do ponto de vista geográfico, representou e ainda representa uma ponte estendida na bacia do Mediterrâneo. Esse mar, até a descoberta da América, em fins do século XV, colocava-se como o centro do mundo ocidental, em cujas margens tinham florescido as grandes civilizações da nossa história. Assim, desde as mais remotas épocas, era o caminho percorrido pelos povos que iam do norte em direção ao sul, e pelos que o faziam em sentido oposto.

A região que agora percorreremos é o Abruzzo, que se localiza na área central da península italiana, banhada pelo mar Adriático. Essa área é conhecida também como “região dos parques”, já que, além de três parques nacionais, contém em seus limites dezenas de reservas ambientais e núcleos de proteção florestal, que no total ocupam 30% de seu território.

O nome “Abruzzo” deriva de *Aprutium*, que, por sua vez, é a derivação de *Prutium*, nome da região ocupada por um povo itálico de origem sanate, os *pretuzzi*, instalados na área desde 6.000 a.C.

É uma região onde predomina a montanha, com um sistema de vales cortados por pequenos rios. Por isso, ali, a maioria dos vilarejos está localizada nas encostas de colinas ou montanhas, sob a proteção de um castelo.

Essa formação peculiar, somada aos frequentes abalos sísmicos (o último deles ocorrido em 2009), fizeram do Abruzzo uma região quase isolada do conjunto da Itália, sem falar na persistente difusão da malária, que até o fim do século XIX era, nesse local, uma doença endêmica. Esse isolamento foi o que permitiu aos seus burgos e povoados conservarem, no decorrer dos séculos, praticamente a mesma conformação urbana da fundação.

Viajar pelo Abruzzo representa uma experiência marcada pelo contraste, observado na variedade das paisagens, que aproximam dois ambientes diversos que não se mesclam muito facilmente: a beira-mar, com a beleza das praias e o charme das montanhas, e os planaltos que se desenvolvem em ondulantes colinas.

Iniciando a viagem

Feitas as apresentações, podemos iniciar a viagem percorrendo os *tratturi*, um sistema de caminhos tradicionais que, desde os tempos mais remotos, era percorrido pelos rebanhos de ovelhas e bovinos nas transferências para as pastagens do Lácio e da Campanha.

Começaremos com as montanhas, indo para a cidade de Aquila, capital regional, localizada num vale e circundada por montes, um dos quais é o majestoso *Gran Sasso*. Fundada em 1245 por vontade de Frederico II de Svécia, segundo um projeto que não encontra precedentes na história do urbanismo, a cidade é o resultado da união pela defesa contra os inimigos externos. Cada conjunto de habitações tinha o seu lote com praça e igreja.

Seus monumentos, mercedores de uma acurada visita (apesar das múltiplas restaurações motivadas pelos terremotos aos quais a região está sujeita), mantêm a majestade e a altivez da época em que foram construídos. Repleta de arcanas lembranças,



A basílica mais famosa da região do Abruzzo, Santa Maria de Collemaggio, foi construída em 1270

eis a Basílica de *Santa Maria de Collemaggio*, a mais famosa de Abruzzo, construída em 1270 em honra ao ermitão Pietro del Morrone, que, eleito papa com o nome de Celestino V, e com apenas cinco meses de pontificado, renunciou, voltando a viver numa gruta do monte Maiella.

Não podemos deixar de visitar a Basílica de *San Bernardino*, cujas linhas têm uma certa analogia com a de *Santa Maria del Fiore*, obra de Brunelleschi, em Florença. Sua fachada, de todo modo, reproduz o estilo arquitetônico da Igreja de *San Lorenzo*, de Michelangelo, na mesma cidade.

Temos ainda a visita ao *Castello*, que na verdade é uma fortaleza, magnífico exemplo da arquitetura medieval. Por vontade de dom Pedro de Toledo, vice-rei de Nápoles, o edifício foi erguido em 1534 pelo arquiteto militar de Carlos V de Espanha, dom Pino Escrivá, autor também do projeto do Castelo *Sant'Elmo*, em Nápoles.

Para fechar de forma refrescante o *tour* em Áquila, vamos beber um gole de água fresca numa das 99 bicas da grande *Fontana*, edificada em lembrança daqueles que quiseram que a cidade, onde agora estamos, surgisse e se desenvolvesse.



Fortaleza de arquitetura medieval, o Castello é um dos principais pontos turísticos da região

Em direção ao mar

Deixaremos agora o panorama das verdes montanhas, que, como uma coroa, circundam Áquila, para poder descortinar a imensidão azul do mar Adriático que banha Pescara. O que surpreende nessa cidade, além dos tesouros artísticos e culturais, é a longa avenida à beira-mar que, com seus hotéis, balneários e residências, prossegue por mais de 20 quilômetros, atravessando povoados.

Pescara, como povoado, aparece na história no século I, quando recebe pelos romanos o nome de

Pescara tem uma avenida à beira-mar de 20 quilômetros de extensão, recebendo os turistas que desejam se hospedar próximo a uma bela paisagem natural, que atravessa povoados da região





O lago da cidade de Scanno, que guarda as memórias e costumes mais antigos do Abruzzo

Vicus Ostia Aterno. Somente no ano de 866 assumiu, porém, a denominação atual.

Não podemos nos esquecer de fazer uma visita ao *Museo delle Genti d'Abruzzo*. Ali está uma história cultural de 6 mil anos, que, iniciada com os itálicos que aqui chegaram em 4000 a.C., permanece, por assim dizer, imutável até hoje.

Poderemos também penetrar em um mundo fantástico visitando a *Grotta del Cavallone*, escavada numa vertente do monte *Amaro*. A natureza, ao longo dos milênios, construiu um ambiente cheio de enormes estalactites, colunas de pedra e pequenos lagos, que, no silêncio quase irreal do local, despertam a nossa fantasia, conduzindo-a para espaços além da nossa fértil imaginação.

Não podia faltar uma visita ao *Palazzo del Governo*, uma imponente e majestosa construção, com seu grandioso portal decorado com quatro grandes estátuas representando as características do território: *Miniera* (Mina), *Agricoltura* (Agricultura), *Mare* (Mar) e *Fiume* (Rio). No seu interior, pode-se admirar a grande pintura de Michetti, representando *La figlia di Iorio*, da tragédia homônima de Gabriele d'Annunzio. Ainda na cidade, a casa em que este autor nasceu transformou-se, hoje, em um pequeno e interessante museu sobre sua obra literária.

Poderemos encerrar nossa visita a Pescara na imponente *Catedral de San Catteo*, que, erigida no século XVIII, homenageia o patrono da cidade com magníficas pinturas de Guercino.

É importante conhecer também os pequenos burgos entre os tantos espalhados por Abruzzo. Um deles é Scanno, uma localidade montanhosa. Sua beleza encontra-se na autenticidade legitimada por

antigas tradições, pelos homens que trazem uma arcaica sabedoria de trabalho, a marca, enfim, de uma civilização local perseverante e orgulhosa do seu ser.

Em Scanno, merecem especial destaque as suas fontes, que são as estruturas públicas mais antigas, nas quais aparecem austeras mulheres vestindo os tradicionais trajes da região, fiéis a seculares costumes. Os moradores de Scanno, assim como os outros abruzzeses dos burgos e vilarejos, são a prova viva da veracidade do ditado italiano que justamente diz: *Abruzzese, forte e gentile*.



CONHEÇA O MUNDO MÁGICO DO

PEEKABOO

E SUAS NOVIDADES EM 2012!!!

Unidade Jardins
Rua Manuel da Nobrega, 498
Jardins Tel.: 3051-7828

JARDINS

Elevador Discovery
Discoteca Completa
Cama Elástica
Barco Vicking
Carrossel
Air Boy
Trem Bala
Super Paredo de Alpinismo
Games (jogos em rede)
Super Brinquedão com área baby
Lanchonete Infantil
Palco com Camarim
Casinha do Macaco
Dardo Eletrônico
Máquina de Dança
Área Zooopa
Painel Temático com sons de bichos
Super Tombo
Street Ball
Miniquadra de Futebol
Autorama
e muito mais...

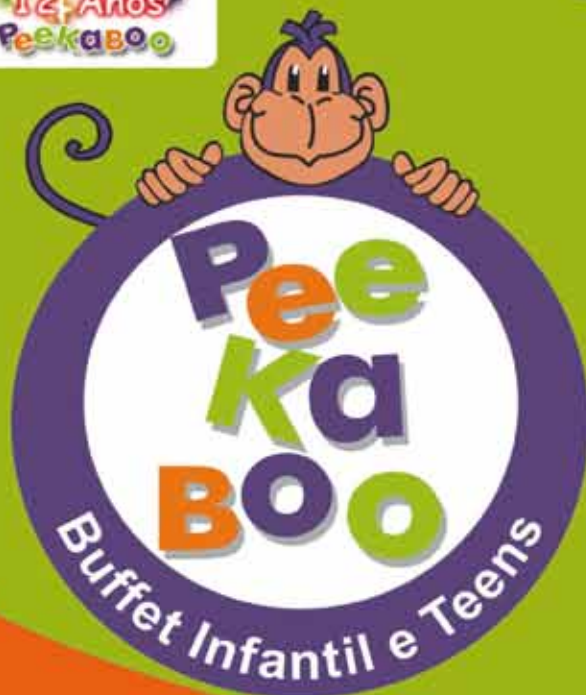


Unidade Higienópolis
Rua Bahia, 764 Higienópolis
Tel.: 3661-7640

HIGIENÓPOLIS

Barco Vicking
Games / Air Boy
Máquina de Dança
Mono Rail
Cama Elástica
Área Teens
Lanchonete Infantil
Casinha do Macaco
Paredo de Alpinismo
Carrossel
Dardo Eletrônico
Games (jogos em rede)
Super Brinquedão com área baby
Super Tombo
Espelho Mágico
Street Ball
Snow Board
Miniquadra de Futebol **em rede**
Simulador Wii Play
Autorama
e muito mais...

12 Anos
Peekaboo



MOEMA

Simulador Wii Play
Simulador última geração (12 jogos)
Games última geração (1300 Jogos)
Super Brinquedão com área baby
Paredo de Alpinismo Eletrônica
La Bamba - super novidade
Lanchonete Infantil
Camarim de Fantasias
Elevador Discovery
Casinha de Boneca
Carrossel
Dardo Eletrônico
Cama Elástica
Roda Palhaço
Lan House
Super Tombo
Street Ball
e muito mais...



Unidade Moema
Av. Moema, 414
Moema Tel.: 5051-1818

Alimentação e
procedimentos com
supervisão de
nutricionista

ITAIM

Games última geração (1300 jogos)
Simulador Wii Play
Simulador última geração (12 jogos)
Lan House
La Bamba - super novidade
Boliche Eletrônico
Cama Elástica
Games / Air Boy
Super Brinquedão com área baby
Lanchonete Infantil
Casinha de Boneca
Máquina de Dança
Vitrine Animada
Carrossel
Super Tombo
Street Ball
e muito mais...



Unidade Itaim
Rua Dr. Alceu de
Campos Rodrigues, 174
Itaim Bibi Tel.: 3845-3006

www.buffet **Peekaboo** .com.br

A primeira grande escolha

Por Silvana Leporace – Coordenadora do Serviço de Orientação Educacional do Colégio Dante Alighieri

Escolher sempre acarreta angústia, questionamentos, perdas e ganhos. Mas, quando os jovens pensam na sua escolha profissional, a preocupação é ainda maior. Precisamos ajudá-los nessa decisão, esclarecendo dúvidas, fornecendo informações e fazendo com que busquem dados fidedignos sobre cursos e mercado de trabalho, sempre enfatizando a importância de sua reflexão pessoal e o esforço para alcançar seus objetivos.

Para auxiliar nessa escolha, a Dante Cultural entrevistou o psicoterapeuta Leo Fraiman. Ele é especialista em Psicologia Educacional, mestre em Psicologia do Desenvolvimento, autor de 21 livros educacionais, entre os quais a Coleção OPEE – Orientação Profissional, Empregabilidade e Empreendedorismo.

Dante Cultural - Vivemos num mundo em que as mudanças ocorrem rapidamente, profissões desaparecem e outras surgem. Como fica o jovem, diante de sua escolha profissional, nessa “turbulência”?

Leo Fraiman - No século passado, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman já nos alertava para um mundo em que as verdades se tornam líquidas. Vivemos uma realidade de muitas possibilidades, muito dinamismo e um contexto em que a mídia muitas vezes vende a ideia de que podemos ter tudo e sermos felizes o tempo todo. Tudo isso gera ansiedade para os jovens, pois eles se veem diante de um cenário de muitos caminhos e poucas certezas. Soma-se a isso o fato de a geração atual de adolescentes ter sido criada, em geral, por um modelo de superproteção, o que dificulta a formação de competências relacionadas a saber priorizar, a perceber na frustração um aprendizado e a empreender. Muitos querem o máximo de benefícios com o mínimo de esforços. Isso explica também por que muitas vezes os filhos,

com o apoio dos pais, colocam tanta ênfase na vontade de ganhar dinheiro e ter fama como os elementos mais importantes de uma escolha profissional, o que é um grande erro lógico. De onde viria a força de vontade diante de uma carreira com a qual eu não me identifique? O jovem deve poder construir seu futuro com serenidade e assentado em valores sociais e morais elevados, para que no médio e longo prazos tenha uma chance real de ter orgulho da pessoa que se tornou e do profissional que é.

Dante Cultural - Fala-se muito que os nossos jovens estão escolhendo a profissão cedo demais, quando ainda não têm maturidade para essa decisão. Qual a sua opinião sobre isso?

Leo Fraiman - Escolher uma profissão aos 16 anos não é cedo. É tarde! Geralmente nessa idade, sem um preparo reflexivo e sem uma visão crítica da realidade, de si e do mundo do trabalho, o jovem chega na adolescência com uma série de mitos e preconceitos que o

impedem até de sonhar, que é o combustível da realização. É preciso considerar que o mundo que os adultos criaram está exigindo isso deles sem oferecer preparo adequado. E existe, sim, uma maior demanda para se ter maturidade mais cedo, afinal as escolhas hoje são muito mais complexas que há 50 anos, por exemplo, quando havia muito menos profissões e o mercado de trabalho era muito mais estático. Essa nova realidade nos desafia a formar jovens com capacidade para fazer escolhas, e isso significa fomentar a construção de projetos de vida desde cedo, desde o Ensino Fundamental, colocando já a criança diante de assuntos fundamentais para sua formação como cidadã, como ser autônomo e capaz de tecer o próprio destino. Em um cenário em que a família tem cada vez menos tempo para educar seus filhos, cabe a nós, educadores, uma responsabilidade muito grande de inspirar crianças e jovens a uma cidadania plena.

Dante Cultural - Quais os fatores que precisam ser levados em conta na escolha profissional e como a família pode ajudar?

Leo Fraiman - O primeiro fator fundamental é desvestir-se de todos os preconceitos. A melhor profissão é aquela que se faz com amor e na qual você se realiza como profissional e como ser humano. Em segundo lugar, é preciso fomentar o autoconhecimento de crianças e jovens, pois somente se conhecendo o aluno será capaz de saber sobre suas habilidades, seu talento, suas dificuldades. Terceiro, é preciso conhecer os cursos que existem, tanto os tradicionais que se transformam em novas ocupações diante de novas demandas, como os novos que surgem, além das profissões que ainda

surgirão. Quarto, conhecer o mercado de trabalho e ter uma boa noção de como são os ambientes, os hábitos e as práticas da profissão que se quer. A família pode ajudar muito se aceitar o desafio de aprender junto com as crianças e jovens a descobrir seus sonhos, orientando-os a pesquisar sobre: 1) O que faz cada profissional, 2) Quais os ambientes de trabalho?, 3) Quais as suas ocupações e onde ele pode trabalhar?, 4) Como é o dia a dia da profissão?, 5) Quais as matérias estudadas?, 6) Quais as tendências e oportunidades para os próximos anos? (Isso pode ser visto em

nosso blog: www.leofraiman.blogpost.com ou www.opee.com.br)

Dante Cultural
- **Qual a sua orientação para um jovem que iniciou um curso e, após alguns meses, já quer desistir porque não era aquilo que esperava?**

Leo Fraiman - A cada ano no Brasil, 900 mil jovens abandonam cursos universitários e isso acontece, em grande parte, porque se escolhe de forma equivocada, sem se saber

minimamente com o que se vai deparar na universidade. O melhor a se fazer é atacar a raiz desse problema: investindo em orientação profissional de qualidade desde os primeiros anos de escola. Sou autor de uma metodologia de ensino focada em Orientação Profissional, Empregabilidade e Empreendedorismo, que formam a sigla OPEE. Temos mais de cem escolas que usam essa metodologia em todo o Brasil e percebemos que, orientando desde cedo, pode-se evitar a frustração na universidade e quando o jovem chega ao mercado de trabalho.

“(...) existe, sim, uma maior demanda para se ter maturidade mais cedo, afinal as escolhas hoje são muito mais complexas que há 50 anos, por exemplo, quando havia muito menos profissões e o mercado de trabalho era muito mais estático.”

Para agradar os ouvidos dos pais e professores

Arquivo Centro de Memória CDA



Bruno Fiorelli



A música sempre esteve presente no quarteirão das alamedas Jaú, Itu, Peixoto Gomide e Casa Branca. Para as comemorações do dia do professor de 1958, o Colégio recebeu uma banda de crianças do Orfanato São Judas Tadeu, que tocou com alunos do Dante no pátio. Na foto abaixo, a turma do Curso Livre de Violino oferecido pelo Colégio se apresenta no auditório Miro Noschese.

*Dal 1919,
Passione Italiana,
Tratto Distintivo.*



*Since 1919,
Italian Passion,
Sign of Distinction.*

Contato: www.aurorapen.com.br
aurora@aurorapen.com.br | Tel: 11 5574 8744



Tu Alpha Y150

Più degli strumenti
di scrittura...
um presente
definitivo.

Revendedor Autorizado

Papelaria **D**ante

Papelaria Dante – Rua João Cachoeira, 684, Itaim Bibi.
papelariadante@papelariadante.com.br | Fone: 11 3168-2080



1º Centenário do Colégio Dante Alighieri